

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CIDADANIA, DIREITOS HUMANOS E
SEGURANÇA PÚBLICA.**

**OPERAÇÕES COM PORTADORES DE TENDÊNCIA SUICIDA: ATUAÇÃO DO
CORPO DE BOMBEIROS DO ESTADO DO CEARÁ.**

**JOSÉ EDIR PAIXÃO DE SOUSA
ORIENTADOR: Prof. GEOVANI JACÓ DE FREITAS**

**FORTALEZA – CEARÁ
2008**

JOSÉ EDIR PAIXÃO DE SOUSA

**OPERAÇÕES COM PORTADORES DE TENDÊNCIA SUICIDA: ATUAÇÃO DO
CORPO DE BOMBEIROS DO ESTADO DO CEARÁ.**

Monografia apresentada à diretoria do curso de pós-graduação da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista Lato Sensu em Cidadania, Direitos Humanos e Segurança Pública, sob a orientação do Prof. Geovani Jacó de Freitas.

**FORTALEZA
2008**

**OPERAÇÕES COM PORTADORES DE TENDÊNCIA SUICIDA: ATUAÇÃO DO
CORPO DE BOMBEIROS DO ESTADO DO CEARÁ.**

Aprovada em ____/____/____.

José Edir Paixão de Sousa

Prof. Dr. Geovani Jacó de Freitas
Orientador

Profa. Dra. Celina Amália Ramalho Galvão Lima
Coordenadora

Dedico este trabalho a todos os que deixaram a vida de forma prematura, mormente ao jovem Emmanuel de Aquino Leitão (*in memoriam*).

Agradeço a Deus, à minha família, à minha querida namorada Évna, ao orientador Professor Geovani Jacó de Freitas, a Professora Irllys Barreira, ao amigo Major BM Luiz Cláudio e aos demais amigos pela ajuda e encorajamento contínuo na pesquisa. Agradeço, ainda, aos Doutores e Mestres da casa, pelos conhecimentos transmitidos, à Diretoria do curso de especialização da Universidade Federal do Ceará/CETREDE, ao CVV e ao CBMCE pelo apoio institucional e pelas facilidades oferecidas, bem como, a iniciativa da SENASP em patrocinar o referido curso.

*“A vida não cessa, a vida é fonte eterna e a morte é o
jogo escuro das ilusões”.*

*Espírito André Luiz
Psicografia de Chico Xavier*

RESUMO

O suicídio é um fenômeno comum a todas as sociedades e épocas da humanidade. Muitos pesquisadores estudaram este assunto, a fim de descobrir novos fatos ou informações a respeito. Émile Durkheim, pensador francês, em seu notável livro *O Suicídio* (1897) estudou o fenômeno sob perspectiva sociológica, concluindo ser ele, salvo casos particulares, um fato eminentemente social. Desde então, a Sociologia foi legitimada como disciplina científica. Outros pensadores, como Karl Marx, estudaram o fenômeno e o relacionaram com outras áreas do conhecimento. Atualmente, muitos pesquisadores vêm estudando o suicídio pelo fato de ele ser parte do ambiente social. De fato, o suicídio cresceu à medida que a população do planeta também se elevou. Porém, bem mais marcante do que isso é ver que este mecanismo de autodestruição é utilizado como meio racional e instrumental de matar não apenas quem o pratica, mas milhares de pessoas em todo o mundo, por motivos diversos, muito dos quais classificados como ataques terroristas. O Estado tem órgãos cujos trabalhos podem prevenir e atuar em ações suicidas. Podemos citar, principalmente, o Corpo de Bombeiros como sendo o principal órgão público responsável por resgatar vítimas de tentativas de suicídio. Dessa forma, objetivamos descobrir como ele intervém e atua e, também, como esses serviços por ele prestados à sociedade podem ser melhorados em relação ao tema suicídio. Nesta mesma linha de pensamento, o CVV foi também estudado por se tratar de uma instituição não governamental e voluntária que trabalha na prevenção de tentativas de suicídios. Fizemos estudo comparativo entre as formas de entrevistas entre ambos, tentamos compreender o momento da negociação com indivíduos suicidas em potencial. Esta parte do trabalho é importante porque o suicídio, muito embora, ele possa ser explicado mediante as pressões sociais mais amplas, a negociação com uma pessoa que tenta se matar tem um lado extremamente psicológico. Finalmente, as estatísticas do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará foram estudadas. A metodologia mesclou realização de entrevistas com bombeiros e a aplicação de questionários com uma amostra de profissionais de diferentes quartéis da Corporação. Objetivamos, com isto, encontrarmos novas formas de melhorar os serviços prestados à população.

Palavras chaves: suicídio e Corpo de Bombeiros.

ABSTRACT

Suicide is a phenomenon that is common in all ages and societies of mankind. Many researches studied this matter in order to discover new facts or information about it. Emile Durkheim, the French thinker, in his remarkable book *The Suicide* (1897) studied this matter in a sociological perspective and concluded it is, except in some cases, an eminently social fact. Since so, Sociology was legitimated as a scientific subject. Other thinkers such as Karl Marx also studied the social fact and related it with other areas of knowledge. Currently, many researchers have studied the phenomenon suicide because it is part of the social environment. Indeed, it has been increased as long as the world population also goes up. Far worse thing is seeing this mechanism of self destruction being used as rational way of killing not only who does it but thousand of people around the world for different reasons, many of them classified as terrorist attacks. The State has its agencies whose work can prevent and act in suicide occurrences. We can point the Fire Department as an agency responsible for rescuing people that attempt against their own life. Then, we aimed at discovering how this state agency works and how its services could be improved. In this same way of thinking, we also studied CVV a volunteering non governmental agency that works in prevention of suicide attempts. Comparing its way of interviewing we try to learn more about negotiating with potential suicides. This part this work was important because suicide, in spite of the fact it can be explained by wider social pressures, negotiation with a person that tries to kill himself or herself has a strong psychological side. Finally, we analyzed the statistics of the Fire Department of Ceará. This methodology was connected with interviews with fireman and use of survey with a sample of firefighters in order to discover new facts about the way we can improve the service to help population in general.

Key Words: suicide and Fire Department.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Preparação dos bombeiros militares para atender ocorrências envolvendo portadores de tendência suicida.....	25
Gráfico 2 – Resultado Prático.....	27
Gráfico 3 – Conhecimento quanto ao aspecto legal da participação no suicídio.....	36
Gráfico 4 – Atuação do CBMCE em relação ao CIOPS no período de janeiro de 2001 a junho de 2006.....	73
Gráfico 5 – Registro de caso CIOPS x CBMCE.....	73

LISTA DE SIGLAS

AMC	- Autarquia Municipal de Trânsito, Serviços Públicos e Cidadania de Fortaleza.
BM	- Bombeiro Militar.
CB	- Cabo.
CBM.	- Corpo de Bombeiros Militar.
CBMCE.	- Corpo de Bombeiros Militar do Ceará.
CETREDE	- Centro de Treinamento e Desenvolvimento.
CF	- Constituição Federal.
CIOPS	- Coordenadoria Integrada das Operações de Segurança.
CVV	- Centro de Valorização da Vida.
GSU	- Grupo de Socorro de Urgência
MCS	- Meios de Comunicação Social.
PM	- Polícia Militar.
PROF.	- Professor.
PSV	- Programa de Seleção de Voluntários.
RMF	- Região Metropolitana de Fortaleza.
RP	- Rádio Patrulha.
SAMU	- Serviço de Atendimento Móvel de Urgência.
SD	- Soldado.
SENASP	- Secretaria Nacional de Segurança Pública.
TEM	- Tenente.
VTR	- Viatura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I – SUICÍDIO: A VIOLÊNCIA AUTODIRIGIDA	17
1.1. Conceituação	17
1.2. Os tipos de suicídio segundo Durkheim	19
1.3. A relação entre suicídio e homicídio	24
CAPÍTULO II - FORMAÇÃO BOMBEIRO MILITAR E SUICÍDIO	27
2.1. Preparação Bombeiro-militar	27
2.2. Aspectos jurídicos sobre o suicídio nas operações de bombeiros	31
2.2.1. Aspectos gerais	31
2.2.2. Aspectos específicos.....	35
CAPÍTULO III – O DIÁLOGO COM O PORTADOR DE TENDÊNCIA SUICIDA.....	44
3.1. Comunicação e Suicídio	44
3.2. Primeiros Socorros Verbais para Tentativas de Suicídio	49
3.2.1 Análises de diálogos em tentativas de suicídio	58
CAPÍTULO IV – PROGRAMA DE REDUÇÃO DA VIOLÊNCIA: O CVV	65
4.1. Histórico do Centro de Valorização da Vida.....	65
4.2. O CVV e o Corpo de Bombeiros Militar do Ceará	66
4.2.1 Métodos Diretivo e Não-diretivo.....	71
CAPÍTULO V – CBMCE E ESTATÍSTICAS DE SUICÍDIO EM FORTALEZA	75
5.1 Suicídio em Fortaleza e Região Metropolitana de Fortaleza.....	75
5.2. Estatísticas do CBMCE no século XXI	76
CONCLUSÃO.....	80
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	82

APÊNDICE A	84
APÊNDICE B.....	85
APÊNDICE C.....	86
ANEXO A	87

INTRODUÇÃO

O suicídio é um fenômeno social que serviu de objeto de estudo para o ilustre pensador Émile Durkheim, em seu livro *O suicídio* (1897). O referido trabalho obteve tanta expressividade que se tornou fundamental para a sistematização da Sociologia como uma ciência, sendo Durkheim considerado como um dos pais fundadores da Sociologia.

Nos dias hodiernos, vemos a continuidade da importância dos estudos sobre o suicídio. O mundo globalizado, por exemplo, necessita de respostas e explicações mais aprofundadas sobre a essência deste fenômeno, devido ao grande número de tentativas e suicídios, observado em todo nosso planeta, nos mais diferentes países e sociedades. Para termos idéia disso, basta assistirmos aos noticiários internacionais, lermos jornais escritos, endereços eletrônicos sobre informações no mundo ou acessar outros meios de comunicação. Haverá, assim, grandes chances de constatarmos notícias sobre atentados terroristas suicidas, homens bombas e similares.

Partindo-se da premissa de que a vida é o bem maior social, ressaltamos a importância da conservação desse direito fundamental primeiro, prioritário entre todos os outros. Para isso vejamos o que diz o escritor e filósofo francês Jean-Jacques Rousseau em seu livro *Do Contrato Social* (2006, p 22), “...liberdade comum é uma consequência da natureza do homem, cuja primeira lei é cuidar da própria conservação...”.

Nesta perspectiva, surge o papel do Estado como mantenedor da ordem social e da conservação da sociedade. Mas como conservar a sociedade se não conservando a própria existência humana? No contexto, ao observarmos as sociedades modernas e seus mecanismos de manutenção da própria existência, encontramos instituições criadas pelos homens com a finalidade precípua de, mediante a legalização e legitimação de poder, conservar a espécie humana para, em seguida, se preocuparem com o bem-estar e outras necessidades secundárias.

Entre essas instituições encontra-se o Corpo de Bombeiros que, no Brasil, é uma instituição militar cuja finalidade, dentre outras, é a de prestar socorro a indivíduos que tentam praticar o suicídio. Aliás, o próprio lema do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará expressa isso: “*Alienam Vitam et Bona Salvare.*”, que se traduz do latim: “Vidas Alheias e Riquezas Salvar”. Este princípio corrobora, assim, a obrigatoriedade de atuação em casos de auto-extermínio do ente humano.

Destarte, como oficial Capitão do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará e tendo participado de várias operações envolvendo tentativas de suicídio, vimos seara farta de estudos, a fim de melhorarmos a atuação desta Instituição. Dada à importância da referida atividade fim de nossa profissão, buscamos identificar possíveis melhoras na forma de atendimento, por parte dos profissionais de Segurança Pública, em tais operações.

Nesses momentos, a coordenação da equipe de Segurança Pública que primeiro se encontre *in loco* poderá ser fundamental para o sucesso da ocorrência. Salientamos que a primeira equipe a tentar controlar a situação e socorrer a vítima pode ser a Polícia Militar, Civil, Federal ou Guarda Municipal, o que sugere que o conhecimento dos procedimentos em tais situações não deve ficar restrito ao Corpo de Bombeiros. Conhecimento, mormente, no que tange à questão da instigação ao suicídio, ação prevista pelo Código Penal como crime, que infelizmente é muito comum durante ações de resgate dos portadores de tendência suicida e deve ser evitado por suas conseqüências nefastas, como será visto no transcorrer da presente monografia.

Dentro, também, dos estudos das operações com portadores de tendência suicida, abordamos importante programa de redução da violência referido ao trabalho conjunto de apoio ao Centro de Valorização da Vida – CVV, uma instituição filantrópica não religiosa de atendimento aos portadores de depressão e tendência suicida, que tem suas dependências dentro do quartel do Comando Geral do Corpo de Bombeiros.

Esta relação de proximidade demonstra apoio inequívoco do CBMCE no combate ao suicídio. Salientamos que o CVV atende aos portadores de tendência suicida fora de seus espaços, mediante uso do telefone, utilizando técnicas de conversação que, apesar de não serem aplicadas nas situações-limite em que os bombeiros trabalham, pode ser de grande valia aos profissionais abordados por este trabalho.

Essa importância pode ser pressentida na possibilidade de a atual parceria realizada na capital do Estado do Ceará poder ser transmitida a outros estados do Brasil, com a probabilidade da redução dos índices de suicídio, dessa forma, observamos ser relevante a referência deste Programa.

Percurso metodológico da pesquisa

Em referência à metodologia, é relevante ressaltarmos que o objeto de estudo desta monografia circunscreve-se à área de atuação de nossa Corporação na cidade de Fortaleza e sua região metropolitana. Tal delimitação teve como objetivo facilitar o nosso estudo no sentido de torná-lo mais eficiente na obtenção de seus resultados. Com esteio no que relata Pontes, em seu livro *Suicídio em Fortaleza - Estudo de 50 anos*: “Por observações oficiosas temos constatado sub-registro, ou seja, muitos casos não notificados, quer seja por problema de tabu ou por falta de estrutura institucional na coleta dos dados.” (2007, p. 110). Além disso, nossa tentativa é de fomentar e tornar mais presente a busca do saber científico nas ações dos profissionais de Segurança Pública, concordando, mais uma vez, com o professor Pontes e seus objetivos formulados no seu estudo já referido:

O objetivo aqui é motivar jovens pesquisadores e intelectuais a compreender, de forma sistemática e metódica, o ato de se matar. A tarefa de impor o científico sobre o popular tem a função precípua de retirar crostas do tabu que envolve o suicídio, dificultando, inclusive, a sua compreensão e, conseqüentemente, obstaculizando uma medida preventiva de caráter eficaz, em particular à nossa cultura e ao nosso tempo (2007, p. 3).

Outro fator importante na pesquisa de campo foi o de delimitarmos a extensão temporal do assunto abordado. Apesar de nos guiarmos sempre por estudos clássicos, estabelecemos diálogo com estes conhecimentos acumulados como intermédio de compreensão da realidade contemporânea do século XXI, especificamente no período entre os anos de 2001 e 2006, período assumido pela nossa pesquisa. Desta forma, recorreremos aos livros de ocorrências das guarnições de bombeiros, livros de registro diário das ocorrências atendidas pelas equipes de bombeiros, que contém nomes das vítimas, idade, sexo, local, entre outras informações importantes acerca das operações onde há atuação direta ou indireta da equipe de bombeiros encarregada de se dirigir, por intermédio de viatura operacional com aparelhos de resgate e primeiros socorros, aos locais onde se encontram acidentes e sinistros dos mais variados matizes. A análise dos referidos dados serviram de fontes estatísticas e das análises sucedâneas visando a articulação de proposições relacionadas à melhoria da qualidade dos atendimentos dos equipamentos de segurança pública no Estado em relação ao fenômeno do suicídio.

Associado às consultas bibliográficas e documentais, também aplicamos questionários com profissionais militares da Instituição e realizamos entrevistas com

bombeiros que trabalham diretamente na área de salvamento encarregada de atender às ocorrências suicidas¹.

Uma abordagem relevante tomada para a análise dos dados empíricos diz respeito ao aspecto jurídico envolvendo o suicídio. Em virtude de os profissionais de Segurança Pública atuarem estritamente dentro da legalidade, observamos a necessidade de estudo mais esclarecedor sobre quais tipos de procedimentos podem ser realizados durante a operação de resgate dos indivíduos que tentam se exterminar.

Seguindo esta linha de orientação, pesquisamos, mediante questionários respondidos por bombeiros que atuam na cidade de Fortaleza, nos mais diversos tipos de serviço da Corporação, o grau de conhecimento do Código Penal Brasileiro concernente a esse aspecto, a fim de compreendermos e analisarmos, mais amplamente, a capacitação dos referidos profissionais em lidar com situações inusitadas que possam acontecer durante as ocorrências.

Vale ressaltar, também, que a abordagem jurídica tem valor significativo durante as operações onde haja a presença da população civil. Na verdade, podemos dizer, pela observação das ocorrências, que o fenômeno suicídio chama a atenção dos populares das diversas idades e classes sociais, que passam a fazer parte da ocorrência, ao interagirem com a vítima, interação que pode ser benéfica ou maléfica.

Foram entrevistados, mediante a aplicação de questionários, 78 (setenta e oito) bombeiros de diversos quartéis, inclusive do interior, que desempenham diversas funções na Corporação, o que representa, no universo total de aproximadamente 1400 (mil e quatrocentos) bombeiros, uma amostra aproximada de 5% (cinco por cento) de todo o efetivo do Estado do Ceará, estatística de efetivo realizada no último censo do quantitativo de bombeiros em junho de 2007. Escolhemos utilizar o supramencionado questionário com bombeiros de várias áreas de atuação dentro da Corporação, a fim de comparar este perfil geral dos bombeiros ao perfil específico dos que trabalham somente na área de salvamento, ou seja, os que estão no âmbito de operações diretas de resgate de suicidas.

Ainda nesse sentido, com objetivo de identificarmos pontos relevantes nas operações com portadores de tendência suicida, analisamos o currículo de formação dos

¹ Os bombeiros do Estado do Ceará atendem às operações de combate a incêndio, resgate aquático, atendimento pré-hospitalar, acidentes de trânsito, cortes de árvores em risco de queda, captura de animais perigosos etc., sendo o atendimento a ocorrências suicidas uma de suas atribuições.

bombeiros do Ceará. Não somente pela análise das disciplinas estudadas, mas também pela forma como são estudadas, procuramos identificar a eficácia e a eficiência dos militares da área de salvamento, tanto na abordagem material de contenção física, como nos aspectos da capacidade de negociação e argumentação imprescindíveis no preparo dos prestadores de socorro que atuam nessa área.

Este trabalho de campo possibilitou um contato mais próximo com os bombeiros que trabalham diretamente com os resgates suicidas. O delicado tema da morte voluntária foi tratado de maneira mais aberta com os referidos bombeiros que encontraram ensejo para refletir e observar a questão do suicídio de forma mais profunda.

Assim, observamos que a maioria dos entrevistados mostrou interesse pelo assunto, no sentido de tentarem repassar suas idéias concebidas e indagam novas perguntas, bem como sugeriram mudanças que pudessem melhorar o serviço operacional da Instituição.

Enfim, esclarecemos que a nossa monografia foi composta por cinco capítulos. O primeiro capítulo tenta expressar uma idéia geral sobre as concepções sociais acerca do suicídio, relacionando-o com o tema da violência. O segundo retrata o assunto da formação militar em referência ao suicídio, dando singular relevância aos aspectos jurídicos. O terceiro relaciona o ato suicida com a área da comunicação, tentando compreender novas formas de dialogar com um suicida em potencial, levando em consideração o aspecto psicológico.

O quarto capítulo aborda o programa de redução da violência realizado pelo Centro de Valorização da Vida (CVV). Neste capítulo, os métodos diretivo e não-diretivo de entrevista são analisados e relacionados ao tipo de diálogo desenvolvido pelos profissionais do CBMCE face às tentativas de suicídio. O último capítulo traz um breve levantamento sobre estatísticas envolvendo o suicídio e suscita idéias acerca das operações de resgates suicidas do CBMCE, para aprofundamento em posteriores estudos.

CAPÍTULO I – SUICÍDIO: A VIOLÊNCIA AUTODIRIGIDA.

1.1 Conceito

A palavra violência é oriunda da língua latina, vem da palavra *violentia*, que significa caráter violento ou bravio, força. Já o verbo *violare* expressa tratar com violência, profanar transgredir. Uma ação direta ou indireta destinada a limitar ferir ou destruir as pessoas ou bens. (MICHAUD, 1989). No dicionário de Sérgio Ximenes encontra-se a definição: “violência *sf.* 1. qualidade de violento. 2. ato violento. 3. *jur.* Coação. 4. força destrutiva”.

Vale notar o caráter não exclusivamente físico da violência. Ela pode expressar-se mediante uma ordem psicológica, com o objetivo de forçosamente obrigar alguém a fazer algo que não queira fazer, em virtude de intimidação.

Na contemporaneidade brasileira, o assunto violência é merecedor dos mais desvelados esforços. Observamos aqui variáveis endógenas e exógenas ao ser humano na prática da violência, pois ela está presente nos aspectos psiquiátricos, psicológicos e sociais, nas mais diversas camadas sociais e diferentes contextos, como podemos constatar nas análises de Karl Marx no que tange ao ato de violência específico do suicídio, aqui mencionado:

Embora a miséria seja a maior causa do suicídio, encontramos-lo em todas as classes tanto entre os ricos ociosos quanto entre os artistas e os políticos. A diversidade das suas causas parece escapar à censura uniforme e insensível dos moralistas. (2006, p. 24).

Fazemos um pequeno adendo ao que concerne à miséria. Entre os estudiosos do suicídio, há aqueles que consideram a pobreza como fator de defesa contra o suicídio, posto que para o miserável, existe um desejo cotidiano de manter a sua vida, apesar de sabermos que pode ocorrer a desistência de lutar por ela, dando-lhe um fim voluntário. Durkheim é um dos pensadores que acredita ser a miséria um antídoto para o suicídio:

Mas o que demonstra muito melhor ainda que a miséria econômica não é responsável pela influência agravante que freqüentemente se lhe atribui é o fato de produzir muito mais o efeito contrário. Na Irlanda, onde os camponeses levam uma vida bastante difícil, há muito poucas mortes voluntárias. Na miserável Calábria praticamente não há suicídios; na Espanha

há dez vezes menos suicídios do que na França. Pode-se mesmo afirmar que miséria é uma proteção. (2005, p. 261).

Há quem possa argumentar sobre o fato de grandes perdas financeiras influenciarem ao suicídio. Por exemplo, no período da quebra da bolsa de valores em 1929, é sabido que vários negociantes ricos ficaram na completa miséria, em virtude da perda de seus bens, e aumentaram consideravelmente o número de suicídios nos Estados Unidos. Entretanto, Durkheim, mesmo tendo vivido séculos antes do episódio, comentou sobre a situação em questão:

Se, portanto, as crises industriais ou financeiras fazem aumentar os suicídios, não é porque elas façam empobrecer, uma vez que as crises de prosperidade têm o mesmo resultado; é porque se trata de crises, isto é, perturbações da ordem coletiva. (2005, p. 261).

Retornando ao quadro social brasileiro, expressamos que o temor da insegurança movimenta o mercado da segurança privada, relegando a maioria da população pobre aos cuidados da Segurança Pública, que a cada dia mostra-se impotente para solucionar os problemas da violência nas diferentes camadas sociais. Salientamos a atuação dos meios de comunicação social que colocam em evidência, pela exibição dramática do crime, a violência em seus programas de rádio, TV, rede internacional de computadores, entre outros, o que contribui para o aumento da sensação de insegurança cujas conseqüências são danosas à população.

Neste contexto, observamos dois aspectos da violência. A violência contra o outro e a violência contra si mesmo. Os indicadores da violência dirigida para o outro expressam maiores índices do que os números da violência contra si mesmo. Entretanto, a violência auto-dirigida, mais expressamente na forma de suicídio, é um fenômeno constante verificado nas sociedades, podendo considerá-lo, concordando com Karl Marx, cuja própria filha havia cometido suicídio, um fenômeno natural que constitui a própria dinâmica da vida social:

Antes de tudo, é um absurdo considerar antinatural um comportamento que se consuma com tanta freqüência; o suicídio não é, de modo algum, antinatural, pois diariamente somos suas testemunhas. Ao contrário, está na natureza de nossa sociedade gerar muitos suicídios [...] (2006, p. 25)

Salienta-se que nesse tipo de agressão a vítima e o agressor são a mesma pessoa, o que torna o caso um acontecimento especial sob o ponto de vista jurídico.

Assim, o suicídio pode ser apreendido como um caso particular da violência, na ocasião em que o agressor e a vítima são a mesma pessoa. Mas qual o verdadeiro significado da palavra suicídio? Em que situação se pode conceber a exatidão do ato suicida? No dicionário da língua portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda, encontramos a seguinte definição para a palavra suicídio: “...1. matar-se 2. causar a própria ruína”. A etimologia é referente ao latim *sui caedere*, homicídio de si mesmo.

O ato em si é tão antigo quanto à própria natureza humana, porém a palavra é mais recente, sendo proveniente da Inglaterra ou França. “Contudo, dados históricos que recuam ao século XVIII demonstram, com eloquência, o pioneirismo do abade francês Desfontaines no emprego do termo.” (PONTES, 2007, p. 9). Para a psicóloga e socióloga Luiza Dias (1991, p. 16), encontramos a seguinte definição de suicídio: “Entenderei por suicídio a morte que alguém provoca a si próprio de forma consciente, deliberada e intencional.”, acrescentando, ainda, a despeito do termo tentativa de suicídio: “é importante a distinção criada por Stenguel entre suicídio e tentativa de suicídio. No primeiro caso, a morte se consuma, no segundo, ela fracassa e o indivíduo é salvo.”. Já para Emile Durkheim, o suicídio é o caso de morte que resulte de ato direto ou indireto, positivo ou negativo, sabedora a vítima que produziria esse resultado, com a tentativa consistindo neste ato antes de resultar na morte propriamente dita.

Assim, podemos declarar como o suicídio o desejo consciente da ação que resulte em falecimento da vida física. Além disso, como foi supramencionado, o termo tentativa de suicídio é de grande valia, mormente, para a presente monografia que trata das operações do Corpo de Bombeiros envolvendo tentativas de suicídios.

1.2. Tipos de Suicídio segundo Durkheim.

O termo suicídio, por ele mesmo, é uma definição genérica, razão pela qual o próprio Durkheim o tenha subdividido em outras de maneira a possibilitar compreensão sobre o fenômeno sob uma perspectiva complexa, não simplificadora do fenômeno. Esta abordagem nos parece importante e necessária para a compreensão dos profissionais bombeiros, a fim de atuarem de forma precisa. Consoante Marx, muitas podem ser as causas e nuances para o suicídio:

As doenças debilitantes, contra as quais a ciência é inócua e insuficiente, as falsas amizades, os amores traídos, os acessos de desânimo, os sofrimentos familiares, as realidades sufocantes, o desgosto de uma vida monótona, um entusiasmo frustrado e reprimido são muito seguramente razões de suicídio [...] e até o próprio amor à vida, essa força enérgica que impulsiona a realidade, é frequentemente capaz de levar uma pessoa a livrar-se de uma existência detestável. (2006, p.24).

Destarte, nota-se que as causas do suicídio podem variar de muitas formas. Émile Durkheim, utilizando uma divisão mais específica, definiu um primeiro tipo de suicídio como sendo o egoísta:

Se conviermos, portanto, em chamar ‘egoísmo’ a esse estado em que o eu individual se sobrepõe exageradamente ao eu social e o prejudica, poderemos dar o nome de *egoísta* ao tipo particular de suicídio que resulta de uma individuação excessiva. (2005, p. 221)

Nos estudos de Durkheim, constatamos que o social sobrepuja os valores individuais, muitas vezes transformando e, até mesmo, determinando vários tipos de ações tomados pelos indivíduos que dela participam. Assim, há determinados momentos em que os indivíduos sofrem a pressão do momento social vigente, seja ele um momento de ascensão à riqueza ou descida à pobreza, por exemplo, mas um período de perturbação social onde indivíduo sofre a força exercida por esse desequilíbrio e é levado à desistência da própria vida.

O segundo aspecto abordado por Durkheim diz respeito ao “suicídio altruísta”, em que existe a morte voluntária em virtude de desapego pessoal e amor a uma causa, tradição. Assim, demonstra Durkheim (2005, p 229) que “na ordem da vida, nada pode ser bom se lhe falta o comedimento (...) O homem se mata facilmente quando está desligado da sociedade, mas também se mata se estiver por demais integrado nela”.

Exemplos do caso em pauta podem ser dados por meio da análise de povos antigos. Na terra dos visigodos, os anciões pulavam do Rochedo dos Ancestrais. Tal tradição justifica-se pelo fato de os mais velhos serem um fardo pesado de se sustentar, em virtude de não terem mais condições físicas de produzir para a manutenção de suas tribos. Não tão antigamente, na Índia do século XIX, muitas mulheres viúvas eram obrigadas a se matar após a morte de seus maridos, como relatado por Dias (1991, p.43), “Na Índia antiga, e até recentemente, praticava-se o *sutee* (sati). Correspondia ao costume de se enterrarem as viúvas com seus maridos, como se a vida continuasse em outro lugar.”

Ainda na Índia, notamos que o costume do suicídio vai se manifestar em outras situações do cotidiano. Referimo-nos ao interessante relato de motivação de suicídio em jovens mulheres, em virtude de tradição:

Mais recentemente, na Índia, tem ocorrido uma série de suicídios relacionados à questão do dote: a tradição institui que os pais da noiva devam pagar um dote elevado ao noivo e aos pais dele. Assim uma mulher ateou fogo no banheiro de sua casa porque os sogros não estavam satisfeitos com dote que ela e sua família haviam deixado para o casal. Grande número de noivas 'queimadas' tem desafiado a polícia indiana e a tradição do dote está, também, provocando um aumento de assassinatos de crianças do sexo feminino, especialmente nas zonas rurais, pois os pais temem o momento no futuro em que terão que oferecer o dote para que a filha se case. (DIAS, 1991, p. 43)

Notamos que existe, no caso acima citado, uma relação de violência ao próximo e a si mesmo. Para evitar o pagamento de altos dotes inscrito na tradição local, mulheres jovens cometiam o suicídio pelo fato de se sentirem um fardo oneroso aos pais. Este fato social engendrou, desta forma, a prática do extermínio de crianças do sexo feminino justificada pelos seus significados culturais locais.

Isto acontecia porque, mais tarde, a própria mulher tenderia a colocar sobre si a violência do suicídio por causa de ofensa à honra, ou outro tipo de humilhações pela quais poderia passar. Assim, existem possibilidades de consideramos a atitude de pais que assassinam as filhas, dessa forma, como precipitada. Entretanto, o que, aos nossos olhos pode ser um ato de extrema violência, muitas vezes é tomado como ato cultural inerente à natureza de determinado povo e, por isso, deve ser apreciado de forma muito mais ampla, para que os juizes de valor de nossa personalidade não interfiram no olhar de alteridade que deve ser lançado sobre a tradição de outros povos.

Por outro lado, não só a Índia, mas várias outras nações têm a tradição do suicídio. O Japão é um deles. Durante a segunda grande guerra mundial, os pilotos suicidas japoneses camicases que traduzido significa vento divino, por amor à pátria nipônica, lançaram-se sobre os navios americanos em Pearl Harbor, em plena demonstração do suicídio altruísta, por amor a uma causa, no caso, a de defender o seu país a todo custo, direcionando a violência do seu ato contra si mesmo, com o objetivo de fazer muito maior a potência do seu ato contra o outro inimigo. Outro exemplo envolvendo o povo *nipônico* remonta às épocas antigas em que os guerreiros samurais executavam o *seppuku*:

O *seppuku* apareceu pela primeira vez no século XII e se transformou em tradição na classe dos guerreiros do século XIII ao XVIII. Os jovens

samurais eram instruídos sobre como praticar o *seppuku* quando fosse chegada a ocasião de cumprir honrosamente com o seu dever. Ele deixou de ser legal a partir de 1868, sendo praticado após este período com caráter não-obrigatório. Para eles, o cultivo dos movimentos neste ritual é muito importante, pois fazem do suicídio a última obra de arte na vida. A morte aqui aparece como arte final. (DIAS, 1991, p. 45).

O *seppuku* é realizado por intermédio do método *haraquiri*, que consiste em o indivíduo rasgar o próprio ventre em um ritual, muitas vezes após a morte do líder de uma batalha morrer ou a mando deste, para se evitar a desonra e o opróbrio da dominação inimiga, bem como a vergonha que seria voltar para casa, derrotado. Há registros que muitos dos comandantes militares japoneses solicitavam aos seus subordinados que, no momento em que estivessem abrindo o ventre com a sua espada, eles decapitassem sua cabeça para tornar imediata a morte física e, de certa forma, servir de exemplo aos militares subordinados, a fim de que não hesitassem em realizar a auto-execução, levando-os ao suicídio por acompanhamento:

O *junshi* (suicídio de acompanhamento), portanto, surpreendentemente, sobrevive ainda, no Japão, apesar de passados vários séculos. No período dos samurais, eles eram bastante comuns, juntamente com os suicídios honrosos após a guerra. No século XIV, numa única noite, um clã inteiro (por volta de mil samurais) praticou o *Haraquiri*. Ocorria também o suicídio de famílias inteiras para evitar situações desfavoráveis; por exemplo, terem suas cabeças decepadas e presenteadas, ou expostas publicamente pelo inimigo. Assim, para não ser morto, matava-se, o que revalorizava o indivíduo, devolvendo-lhe o poder honroso sobre sua própria vida. (IDEM, p. 47).

Após as elucidações acima mencionadas e, pela própria definição, observamos haver um posicionamento diametralmente oposto entre suicídio altruísta e egoísta. Isso no que se refere à causa da tentativa, já que obviamente o objetivo de ambos é o extermínio de si mesmo, conforme afirma Durkheim²⁰⁰⁵, (2005, p. 279): “o suicídio egoísta provém do fato de os homens não encontrarem uma justificação para a vida; o suicídio altruísta, do fato de essa justificação lhes parecer estar fora da própria vida”.

Conforme Durkheim, em prosseguimento da sua classificação, existiria o tipo de suicídio relacionado com a anomia. Segundo ele, a ausência da norma está vinculada a um tipo característico de suicídio. Observemos o Durkheim declara, em relação a esta terceira qualificação:

[...] o terceiro tipo de suicídio, cuja existência acabamos de constatar, provém do fato de a atividade dos homens estar desregrada e do fato de eles sofrerem com isso. Por sua origem, daremos a esse último tipo o nome *suicídio anômico*. (2005, p. 279).

A palavra anomia deriva do grego *ánomos*, que significa sem lei fixa. Para melhor entendermos o tipo especificado, analisaremos o exemplo de suicídio anômico em relação à viuvez. Após a morte de um dos cônjuges, passa a existir no lar uma anomia doméstica, a falta de interação com os valores instituídos por outra pessoa, no caso o consorte, estabelece uma ausência de lei tácita que se sabe haver na vivência marital, acontecendo um transtorno familiar. Tal ausência é uma nova situação para a qual o cônjuge sobrevivente não está adaptado e, por isso, sucumbe, matando-se.

Vale ressaltar que, conforme foi exposto acima, ao contrário de épocas remotas, a função da mulher nas sociedades modernas, principalmente nas ocidentais, vem mudando paulatinamente. Hoje, devido às conquistas das lutas feministas, a mulher sem marido, por exemplo, não é mais vista como ser sem valor social, mas sim pessoa atuante que constrói e contribui significativamente na sociedade. Portanto, devemos abordar a anomia relatada por Durkheim, consoante os parâmetros vigentes na atualidade.

Em prosseguimento, observamos que outro tipo de anomia poder ser encontrada no processo do divórcio. Nesse caso, pelos mesmos motivos do processo de viuvez. Talvez seja essa uma das causas pelas quais tantos casais reatam o relacionamento após a separação, visto que no caso da viuvez não há como contornar a situação. Pela nossa experiência empírica nas operações de resgate em tentativas de suicídio, constata-se que muitos são os casos passionais envolvendo suicidas, que em virtude de personalidade, medo da represália do encarceramento prisional, ou até mesmo da censura moral da sociedade, convergem à violência que destinariam normalmente para o cônjuge que o abandonou para si mesmos e, por muitas das vezes, como forma de mostrar o seu total desespero na tentativa de voltar um relacionamento que se dissipou.

Há ainda um quarto tipo de suicídio que foi mencionado, mas não amplamente estudado por Durkheim referido ao suicídio *fatalista*, situado em oposição ao anômico. Em vez da ausência de lei fixa, Durkheim refere-se à existência de uma lei muito dura, forte e que liga o indivíduo tenazmente ao meio em que se encontra. “A fim de se realçar este caráter fatal e inflexível da regra, perante o qual se é importante, por oposição a esta expressão de anomia que empregamos, poderíamos designá-lo de *suicídio fatalista*”. (2005, p. 301).

Dessa forma, verificamos que o suicídio altruísta e o egoísta têm uma relação similar ao suicídio anômico e o fatalista. Podemos dizer que os dois pares se situam em extremos de características, corroborando a linha de raciocínio de Durkheim

concernente à ligação extrema à sociedade ou desligamento acentuado, condições em que são verificados o aumento significativo da taxa de suicídio.

1.3 A relação entre Suicídio e Homicídio.

A interação entre suicídio e homicídio foi estudada por vários pensadores, por serem atos de violência de notável interesse social. Como exemplo desta relação, observe-se o pensamento de Durkheim acerca do referido tema:

Em resumo, o assassinio de si próprio e o assassinio de outrem são dois atos violentos. Mas ora a violência de que derivam não encontra resistência no meio social e espalha-se, transforma-se então homicídio; ora, impedida de se manifestar exteriormente em conseqüência da pressão que a consciência pública exerce sobre ela, reflui para origem, e o próprio indivíduo da qual ela provém torna-se sua vítima. (2005, p. 374)

Mediante exposto, podemos compreender do estabelecido por Durkheim uma relação de fluência entre suicídio e homicídio em que um seria solução na ausência do outro. Temos então, de forma geral, uma fonte única para as causas do suicídio e homicídio: a necessidade de uma descarga de violência. Ora essa vazão agressiva se dirige a outra personalidade, ora se dirige à própria pessoa, em virtude de uma pressão social para que o agressor não atinja o objeto de sua ira no próximo, por causa de medo das sanções penais, repressão da própria consciência em função da iminente condenação por parte da sociedade sobre seu ato, entre outros motivos.

Sob esta linha de pensamento, Durkheim estabelece que suicídio e homicídio sejam inversamente proporcionais, quanto maior o número assassinatos, menor será o número de suicídios. Ele cita como exemplo o caso das guerras em que, devido à violência social estar voltada quase completamente para o inimigo, a taxa de suicídios decresce consideravelmente, devendo os estudiosos interpretar essa influência nas estatísticas dos números de mortes voluntárias durante esses períodos de guerra, sob pena de obterem conclusões equivocadas em suas análises.

Ainda seguindo o mesmo raciocínio, vejamos as observações de Pontes (2007, p. 52), “A agressividade, segundo Freud, não se manifesta simplesmente na destruição propriamente dita, mas também nas condutas auto-agressivas, no sentimento de ambivalência entre o amor e o ódio, no desejo de morte.” A relação entre agressão ao próximo e a si mesmo, segundo esta perspectiva de análise vem corroborar a visão social de Durkheim presente no campo científico da Psicologia, demonstrando que o

caráter psicológico das ações punitivas e autopunitivas é constatado em âmbito maior, no caso, no estudo da sociedade.

Nas operações de atendimento a indivíduos que tentam o suicídio, sob o acompanhamento da experiência empírica desenvolvida pelo Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará, podemos encontrar vários casos que exemplificam as relações suicidas e homicidas acima expostas. Um dos principais exemplos é o ato de violência nos crimes passionais.

Não são poucas as ocorrências em que um dos cônjuges tenta se matar. Isto ocorre, geralmente, em virtude de problemas afetivos, demonstrando o estado de ambivalência entre o amor e o ódio mencionado por Freud e citado Pontes (2007), estado este que o cônjuge mais afetado tenta se matar por impossibilidade de dirigir esse ódio que ocupou o lugar do amor. Vale ressaltar que o psiquiatra Pontes considera o contrário do amor a ausência do amor. Porém, muitas vezes, o indivíduo encontra espaço para atuar contra o cônjuge e o mata. Ainda existe a terceira alternativa nos crimes passionais, onde o indivíduo mata o cônjuge e, por fim, se mata, dando vazão máxima ao sentimento do ódio e rompendo, como regra de exceção, aos estudos de Durkheim sobre o antagonismo entre suicídio e homicídio. Destacamos que o embasamento teórico de Durkheim sobre as inter-relações do autocídio e homicídio é calcado não somente em suas próprias pesquisas estatísticas, mas também nas conclusões de outros estudiosos como observamos em sua obra o Suicídio:

Ora, segundo o testemunho de vários observadores, os grandes criminosos raramente se matam. Cazauvieilh obteve informações junto a médicos das colônias penitenciárias sobre a freqüência de suicídios entre os condenados. Em Rochefort, em trinta anos, só houve um caso; Em Toulon, cuja população era habitualmente entre de 3 mil a 4 mil condenados, não houve nenhum caso (1818- 1834). Em Brest os resultados foram um pouco diferentes; durante 17 anos, para uma população de aproximadamente 3 mil indivíduos, foram cometidos 13 suicídios, o que representa uma taxa anual de 21 para 100mil , ainda que mais elevado do que os precedentes , esse número não é exagerado se considerarmos que ele se refere a uma população sobretudo masculina e adulta. (DURKHEIM, 2005, p. 378).

Do exposto, concluímos que os criminosos, geralmente indivíduos que direcionam sua violência contra o próximo, dificilmente se matam. No entanto, devido ao alto risco das operações suicidas de resgate envolvendo a atuação dos bombeiros, vemos a importância de compreendermos os mecanismos de autodestruição pessoal e sabermos se, nesse momento, a violência em potencial não poderá voltar-se contra o ser humano mais próximo que se encontre em contato com indivíduos que tentam se matar,

no caso, o profissional de Segurança Pública, principalmente o bombeiro militar, que deverá estar preparado para atuar de forma a lograr êxito no salvamento.

CAPÍTULO II - FORMAÇÃO BOMBEIRO-MILITAR E SUICÍDIO

2.1. Preparação Bombeiro-militar

No estudo das operações com portadores de tendência suicida, é importante analisarmos a formação dos profissionais que atenderão as vítimas de si mesmo. Em se tratando de profissionais militares, citamos o que o general chinês Sun Tzu escreveu, há mais de dois mil anos, em sua obra mundialmente conhecida A Arte da Guerra, “Conhece a ti mesmo e conhece a teu inimigo. Se tiveres cem combates a travar cem vezes serás vitorioso”. (TZU, 2000, p. 41)

Contudo, devemos refletir sobre este ensinamento com a adequação necessária ao cotidiano dos bombeiros militares. No caso em questão, os guerreiros são os bombeiros que têm como inimigo a vencer os obstáculos à sua frente no resgate das vítimas de uma maneira geral, e, sob o foco deste estudo, as vítimas de tentativa de suicídio.

Portanto, a partir do pensamento prático de Sun Tzu, estabelecemos a analogia com o cenário operacional vivenciado no dia-a-dia pelos bombeiros, em que estes são os guerreiros que devem conhecer a si mesmos, suas qualidades, fragilidades, poder de atuação por intermédio de equipamentos, extensão de ações mediante leis, etc. Porém, conhecerem não somente a si mesmos, mas também aos “inimigos”, aqui representados pelos óbices, as condições diferenciadas encontradas nas diversas ocorrências, previsão de comportamento das vítimas, as palavras e pensamentos mais eficazes e eficientes a serem utilizados no diálogo com os portadores de tendência suicida etc.

Sob esta perspectiva, verificamos por meio do quadro de disciplinas estudadas na formação dos soldados bombeiros militares (cf. anexo A), aquelas onde haja maior possibilidade de estudo das ocorrências envolvendo portadores de tendência suicida: Comunicação e Expressão, Ética e Cidadania, Relações Humanas, Comunicação em Emergência, Tecnologia e Maneabilidade em Salvamentos.

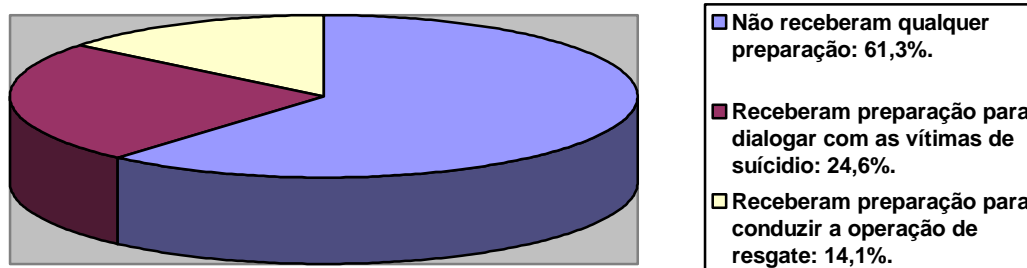
Dessas disciplinas, observamos que, com exceção da Tecnologia e Maneabilidade em Salvamentos, as demais estão bem mais relacionadas à questão do diálogo em situação-limite da operação *in loco*. Aquela trata da utilização de aparelhos que têm finalidade de utilização material nos diversos tipos de salvamentos, tais como vítimas presas em veículos após colisão, pessoas presas em elevadores, entre outras, focando indivíduos que tentam alcançar a morte das mais diversas formas. No caso

particular do atendimento às pessoas de tendência suicida, temos a questão da contenção física, por parte dos bombeiros, das pessoas que atentam contra a própria vida.

No escopo de maior conhecimento da formação dos profissionais de Segurança Pública, analisamos as respostas ao questionário sobre operações com portadores de tendência suicida aplicado junto aos militares do Corpo de Bombeiros do Estado do Ceará. A primeira questão expressa na indagação: “Na sua formação profissional, que tipo de preparação você teve para lidar com ocorrências de suicídio?”² nos revelam questões relevantes para a análise sugerida aqui.

Dos 100% dos entrevistados, verificamos que 61,3% dos bombeiros declararam não ter recebido qualquer preparação para operações com portadores de tendência suicida, enquanto que 24,6% dos respondentes revelam não ter recebido capacitação para dialogar em tais situações-limite. Apenas 14,1% do total dos entrevistados afirmaram ter sido preparados para conduzir a operação de resgate, conforme podemos observar no Gráfico 1, a seguir.

Gráfico 1 - Preparação dos Bombeiros Militares para resgates envolvendo portadores de tendência suicida.



Observamos que o número de bombeiros que respondeu não ter recebido qualquer preparação para atuar no resgate de portadores de tendência suicida é elevado, mais de cinquenta por cento. O que suscita a necessidade uma maior reflexão sobre as condições da preparação dos profissionais de Segurança Pública no que concerne a este tipo de intervenção.

² A referida pergunta norteadora pôde ser respondida através de sugestão de resposta, marcando-se a opção escolhida e, também, com opinião própria em espaço aberto à expressão pessoal dos entrevistados. As repostas poderiam ser escolhidas sobre a preparação de como conter fisicamente uma pessoa que tentasse se matar, como dialogar com essa pessoa, como conduzir a operação de resgate evidenciando preparação não só técnica, mas também na capacidade de dialogar com as vítimas e, por fim, na ausência de preparação do entrevistado nas operações com suicidas. Suicídio

Por outro lado, é importante analisarmos, também, fatores extras às condições da preparação prévia dos bombeiros, pelo fato de tratar-se de instituição militar. Este tipo de instituição tem grande força de aprendizado no estilo de ação cotidiana, no saber fazer com os mais “antigos”, respeitando-se a hierarquia e o modo de atuação tradicional. “Embora o ser humano seja o construtor da ciência, é a sociedade em que ele vive que lhe fornecerá os instrumentos e os dados/objetos que darão sentido a sua atividade de apreensão da realidade”. (ALVES, 2007, p. 14).

Desta forma, reflexões contidas na obra *Os Filhos do Estado*, do cientista social Leonardo Damasceno de Sá (1990), abordam a formação militar dos futuros oficiais da Polícia Militar do Estado do Ceará, na academia General Edgard Facó em Fortaleza que, até o ano de 1990, formava os oficiais do Corpo de Bombeiros, em virtude das duas instituições serem legalmente unidas até então, tendo ainda vários oficiais no serviço ativo de bombeiro:

[...] algumas tentativas de análise da instituição militar em seus aspectos internos, estruturais ou organizacionais [...] o que implica o reconhecimento de uma relativa autonomia da instituição em relação à sociedade civil e um proposta de estudo centrada preferencialmente não em suas intervenções na vida política, mas no cotidiano da instituição (Castro, Apud SÁ, 1990, p.140)

Esta abordagem oferece-nos base de discussão sobre o aprendizado realizado no cotidiano institucional. O tipo de educação pode ser profícuo na construção do modo operacional de atuação de algumas instituições e de seus sujeitos institucionalizados.

Primeiramente, ressaltamos a necessidade de análise da eficiência do Corpo de Bombeiros nas ocorrências de atendimento às vítimas de suicídio. Para tanto, são analisados dados dos livros de ocorrências do Núcleo de Busca e Salvamento, unidade principal de atendimento de tentativas de suicídio, a fim de verificarmos a quantidade de operações bem sucedidas em relação ao número de ocorrências atendidas.

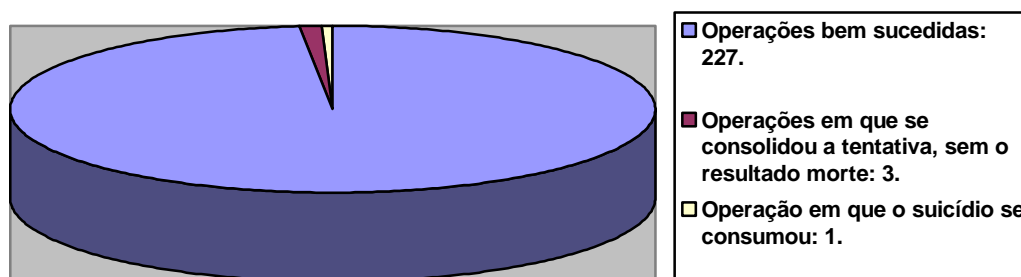
Da análise dos livros relativos ao século XXI, do início do ano de 2001 ao mês de junho de 2006, constatamos um número de 278 (duzentas e setenta e oito ocorrências) de tentativas de suicídio. Das quais, excluindo-se aquelas que se tratavam de “trote”, as que foram previamente resolvidas por membros da Polícia, Guarda Municipal, populares e outros, bem como as ocorrências em que a guarnição de bombeiros chegava e já havia acontecido o óbito, temos um número de 231 (duzentas e trinta e uma) ocorrências com efetiva participação do Corpo de Bombeiros.

Em relação ao total destas ocorrências, somente em 04 (quatro) situações as vítimas, após a negociação com os bombeiros, persistiram na tentativa de se matar

mesmo na presença da guarnição de militares. Citamos o caso, por exemplo, que um indivíduo, mesmo depois da argumentação dos bombeiros, se jogou do terraço do seu apartamento e, surpreendentemente, ficou preso em uma árvore, escapando com vida. Salientamos que a capacidade de negociação dos bombeiros não foi eficaz em apenas quatro tentativas, das quais em apenas uma ocasião a vítima conseguiu consumir o suicídio.

Essas quatro tentativas na presença da guarnição, nas quais poderíamos dizer que a negociação não logrou êxito, expressam um número de 1,29% no universo das duzentas e trinta e uma operações com atuação direta do Corpo de Bombeiros.

Gráfico 2 - Resultado prático nas 231 ocorrências envolvendo suicídio.



Para efeito de conhecimento e comparação, colhemos os dados envolvendo o fato suicídio no mesmo período registrado pelo CIOPS – Coordenadoria Integrada de Operações de Segurança. Do total de 2436 ocorrências, o número de tentativas de suicídio registrado nesta fonte foi de 1328 (mil trezentos e vinte e oito) e o número de consumações de suicídio foi 1108 (mil cento e oito). O que expressa uma taxa de aproximadamente 45% de efetivação do ato suicida em frente ao número total de ocorrências desta natureza.

Destarte, parece existir uma discrepância entre os dados sobre a preparação dos bombeiros militares obtidos pela entrevista direta e o grau de eficiência do Corpo de Bombeiros, que chega aos 98,71%. Isto pode ter ocorrido em virtude de vários fatores, mas vale ressaltar que o número de bombeiros que atua diretamente com o salvamento em casos de suicídios não é alto em relação ao número total do efetivo e que, entre os bombeiros que trabalham no salvamento, muitos fizeram cursos especializados nessa área específica, diferentemente de outros bombeiros.

Isto nos levar a entender que podemos relativizar alguns aspectos dos dados colhidos em nossa pesquisa, refletindo-os em relação às características endógenas de

formação dos bombeiros que responderam ao questionário, bem como os bombeiros entrevistados. Já que estes últimos, diferentemente dos primeiros, trabalham diretamente com a área de salvamento responsável por operações envolvendo suicidas potenciais. Pensando dessa forma, conseguiremos apreender o sentido da aparente discrepância supramencionada.

Analizamos a resposta de uma entrevista com um capitão experiente, sete anos de serviço de salvamento, com duzentos e cinqüenta e seis plantões de vinte e quatro horas, militar premiado com medalha de bravura por resgate de uma das vítimas que tentava suicídio, quando perguntado sobre o tipo de formação que obteve pelo Corpo de Bombeiros:

Sim. No curso CESEI, Curso de Especialização em Salvamento e Extinção de Incêndio, em Brasília, foi uma preparação intensa de três meses, na qual aprendi técnicas de “rapel” para situações de tentativa de suicídio em alturas, contenção física de vítimas e práticas estratégicas de persuasão para diálogo no caso de tentativas de suicídio. (entrevista com Capitão BM).

Além disso, a quantidade de ocorrências é elevada, de forma que o conhecimento empírico nas operações, apreendido no cotidiano, como já referido, ajuda de forma expressiva na solução de várias ocorrências: “a principal fonte donde uma pessoa deriva seu valor, seu significado a mais longo prazo, pode ser a prática eficiente de uma profissão” (ELIAS, 1997, p.311-312). No entanto, a alta taxa de eficiência não pode ser uma justificativa para que as condições de preparação dos bombeiros não sejam modificadas. Primeiro, porque a eficiência aqui analisada diz respeito apenas às ocorrências atendidas pelo CBMCE, embora, na realidade, a maioria delas envolve suicidas sem a presença dos bombeiros.

Observamos, também, um alto nível de empirismo nas negociações com suicidas em potencial. Assim, podemos refletir sobre a necessidade do desenvolvimento de pesquisas científicas que venham propiciar aos bombeiros um conhecimento que não se baseie somente no cabedal das experiências empíricas acumuladas.

2.2 Aspectos jurídicos sobre o suicídio nas operações de bombeiros.

2.2.1 Aspectos gerais

Ao observarmos o fato de que o Corpo de Bombeiros Militar é instituição eminentemente pública, faz-se necessário o conhecimento da competência legal de

atuação do referido órgão, mormente por parte de seus integrantes. Para isso, é necessário que o profissional que presta o socorro, tenha ao menos uma base elementar do que seja a ciência Direito e suas aplicações.

Segundo Aurélio Buarque, em seu dicionário de língua portuguesa, encontra-se as seguintes definições relativas ao Direito: "... 9. O que é justo conforme à lei. 10. Faculdade legal de praticar ou não praticar um ato. 11. Prerrogativa que alguém tem de exigir de outrem, em seu proveito, a prática ou a abstenção de algum ato. 12. O conjunto das normas jurídicas vigentes em um país..."

Ao analisarmos estas definições sobre o direito, procuramos o enquadramento legal das atividades do Corpo de Bombeiros a fim de sabermos a área pertinente à ação dos profissionais estudados. Ação esta que deve estar em consonância com as exigências dos cidadãos perante as necessidades cotidianas da população.

Entretanto, a experiência e as entrevistas com os profissionais do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará mostram que os tipos de cenários operacionais são variados, variando também as diversas situações legais em que os bombeiros deverão ou não atuar. Sob esta óptica, verificamos o que diz a Carta Magna concernente à atuação dos Corpos de Bombeiros Militar:

“Art. 22. Compete privativamente à União legislar sobre:

XXI - normas gerais de organização, efetivos, material bélico, garantias, convocação e mobilização das polícias militares e corpos de bombeiros militares;”

Deste Artigo verificamos que a própria instituição do Corpo de Bombeiros Militar é prevista em lei e encontra-se subjugada ao poder da União. No entanto, é de suma importância sabermos que embora a União possa mobilizar a Instituição, esta é constituída de militares submetidos não somente à Constituição Federal, mas também aos Estados, Distrito Federal e Territórios, conforme sua localização geográfica. Assim podemos apreender do artigo abaixo:

“Art. 42 Os membros das Polícias Militares e Corpos de Bombeiros Militares, instituições organizadas com base na hierarquia e disciplina, são militares dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios.”

O artigo acima teve sua redação dada pela Emenda Constitucional n.º 18, de 1998. Fato relevante sobre ela é, também, a questão da disciplina e hierarquia. Ao analisarmos a preparação militar dos bombeiros do Estado do Ceará entrevistados, notamos que em seus currículos de formação básica, a formação relativa ao soldado não possui disciplinas, onde se possa ver expressamente o estudo da ciência Direito.

Todavia, as entrevistas com os bombeiros e o conhecimento empírico adquirido na Corporação revelam que a disciplina de Instrução Geral, Anexo I, aborda o Direito Penal Militar, dando noções elementares aos bombeiros sobre as regras de conduta dentro da caserna³.

Neste momento, podemos entender que a disciplina e hierarquia são fundamentais para o bom desempenho dos serviços nas ocorrências de bombeiros, haja vista que toda a guarnição de bombeiros encontra-se, na maioria das operações, dirigidas por um oficial. Neste sentido, Sá, ao analisar a hierarquia, referindo-se ao sistema militar no Ceará, revela-nos: “Quando falo em hierarquia, aponto para a distribuição diferenciada das oportunidades de mando no interior do grupo e as posições instituídas a partir desta distribuição – trata-se do sistema de autoridade do grupo.” (SÁ, 2005, p. 68). No caso em tela, nós, oficiais, nos preparamos durante três anos para completar nossa formação. Durante esse período estudamos várias disciplinas na área de Direito tais como Introdução ao Direito, Direito Constitucional, Direito Penal, Direito Administrativo, Direitos Humanos, entre outras. Sendo o oficial o responsável máximo pelas deliberações durante a operação e, como é dotado do conhecimento do Direito, pode e deve orientar as diretrizes a serem tomadas pelos demais membros da guarnição que comandar, a fim de que não seja ferida a legalidade das ações praticadas pelos bombeiros.

Assim, mediante estas orientações, a experiência adquirida com os oficiais e outros bombeiros que detenham conhecimento na área jurídica irá nortear as ações dos demais membros das equipes de bombeiros em outras situações. Logo, não será necessário que um militar que esteja no comando das operações precise sempre ditar quais os procedimentos legais a serem tomados em consonância com as exigências de cada ocorrência, mas somente quando alguma situação nova apresentar-se, o que não é tão raro acontecer.

Daí a necessidade de haver a manutenção de novos aprendizados, por intermédio de cursos, palestras e outros tipos de acesso ao conhecimento objetivando a apreensão prévia de mudanças nas leis ou aquisição de conhecimento de parte das leis ou assuntos mais específicos que não façam parte, mas devam estar no cabedal dos profissionais bombeiros.

³ Entendemos por caserna o ambiente da circunscrição do quartel, bem como da conduta externa, estando ou não o bombeiro militar de serviço.

Ainda em relação à abordagem da CF no que tange aos Corpos de Bombeiros, referimo-nos o seguinte artigo:

Art. 144. A segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, através dos seguintes órgãos:

I - polícia federal;

II - polícia rodoviária federal;

III - polícia ferroviária federal;

IV - polícias civis;

V - polícias militares e corpos de bombeiros militares.

Pelo exposto, constatamos que o Corpo de Bombeiros faz parte da Segurança Pública juntamente com as demais instituições. De fato, o Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará fez parte da Polícia Militar do Estado do Ceará, como um “braço” ramificado, até o ano de 1990, quando conseguiu a separação legal, a fim de desenvolver, de forma prioritária, as suas funções mais voltadas para as áreas de incêndios, desastres e atividades afins, sem deixar de exercer, no entanto, seu poder de polícia e atuar para a manutenção da Segurança Pública social, tendo como co-irmã a Polícia Militar, bem como as demais instituições acima relatadas, juntamente com a Guarda Municipal de Fortaleza que atua, também, na manutenção da segurança da cidade.

Ainda no artigo 144 da CF no seu parágrafo 4º encontra-se:

“§ 4º - às polícias civis, dirigidas por delegados de polícia de carreira, incumbem, ressalvada a competência da União, as funções de polícia judiciária e a apuração de infrações penais, exceto as militares”.

Dentro do aspecto jurídico, vemos no texto da lei que infrações de militares têm apuração diferenciada. Esta peculiaridade da norma é relevante em virtude de a não observância da lei por partes de militares deve ser fiscalizada e apurada pela instituição de origem. Mais adiante abordaremos o caso particular referente às ocorrências de suicídio, envolvendo o tópico em questão.

Ainda no mesmo artigo nos parágrafos 5º e 6º, encontram-se mais duas referências ao CBM:

“§ 5º - às polícias militares cabem a polícia ostensiva e a preservação da ordem pública; aos corpos de bombeiros militares, além das atribuições definidas em lei, incumbe a execução de atividades de defesa civil.

§ 6º - As polícias militares e corpos de bombeiros militares, forças auxiliares e reserva do Exército, subordinam-se, juntamente com as polícias civis, aos Governadores dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios”.

Dos parágrafos acima, constatamos a obrigatoriedade do CBMCE da execução das atividades de defesa civil, além de suas outras já pré-determinadas. O assunto em questão suscita discussões sobre o fato de os Corpos de Bombeiros Militar deverem pertencer, de forma integral, ao órgão de Defesa Civil e estar separado da Segurança Pública, como acontece no Estado do Rio de Janeiro.

Entretanto, no Estado do Ceará, o CBMCE está vinculado ao órgão de Segurança Pública e subordinado ao Governador do Estado, como preceituado na Constituição Federal. O que demonstra que, apesar de o poder judiciário ter uma esfera diferenciada para a atuação dos militares, os Corpos de Bombeiros vinculam-se ao poder civil, representado nos governadores que são eleitos democraticamente pelo povo.

2.2.2 Aspectos específicos

Passadas as concepções genéricas, porém não menos importantes, sobre a legalidade das operações dos Corpos de Bombeiros, atenta-se para a especificação da lei nos casos de suicídio. Para isso, vejamos o que relata o Código Penal concernente ao envolvimento de outras pessoas na execução do ato suicida:

“Art. 122 - Induzir ou instigar alguém a suicidar-se ou prestar-lhe auxílio para que o faça:

Pena - reclusão, de dois a seis anos, se o suicídio se consuma; ou reclusão, de um a três anos, se da tentativa de suicídio resulta lesão corporal de natureza grave.

Parágrafo único - A pena é duplicada:

Aumento de pena:

I - se o crime é praticado por motivo egoístico;

II - se a vítima é menor ou tem diminuída, por qualquer causa, a capacidade de resistência”.

Assim, constatamos a proibição da lei brasileira à indução, à instigação e ao auxílio ao ato suicida, classificando-a como crime. Vale ressaltar que a indução difere da instigação, porque nesta há prévia existência do desejo de morte daquele que tenta se matar.

Se o indivíduo nunca apresentou sintomas de portador da tendência suicida e uma outra pessoa vem-lhe incutir a idéia de eliminar a própria vida, tem-se aí a indução. O que será agravado se houver algum desejo egoísta que será obtido com o término da vida de outrem. Por exemplo, podemos citar um homem que incute a idéia de morte ao

irmão para ficar com a herança dos pais. Tal procedimento é fator de agravamento da penalidade aplicada, bem como se a vítima for menor de dezoito anos, ou for idosa, ou estiver sob efeito de álcool ou outro tipo de entorpecente que facilite a sua aceitação a sugestões para exterminar a própria vida, caracterizando a resistência diminuída.

Como referido anteriormente, a sociedade luta, em caráter primordial, pela sua preservação. Logo, existe uma preocupação da humanidade em manter vivo cada indivíduo que pertença à sociedade. Consoante Hungria, as relações de um indivíduo com a sociedade interagem da seguinte forma:

[...] a vida de um homem não pertence somente a ele, mas igualmente ao agregado social. Não existe direito individual subjetivo que não se choque aos interesses ou sua utilidade no centro do corpo social. Ora, toda existência social é uma parcela de sinergia na busca de objetivos da sociedade. (HUNGRIA apud PONTES, 2007, p. 96).

Pontes, a despeito da inexistência de direito individual subjetivo sobre a vida em prejuízo idéia da vida como patrimônio coletivo e social defendido por Hungria, refere-se à prática do auxílio, induzimento ou instigação ao suicídio, ao afirmar

[...] o suicídio é um tipo de homicídio, mas sob forma velada, mas o véu é retirado, tornando-se assim revelado, quando um terceiro item entra em cena – ‘A repressão da participação intencional no suicídio é politicamente justificável, a pena, em tal caso pode ser aplicada plenamente na sua finalidade’. [...] O suicídio, para ele, é um crime com ausência de um acusado, e daí não se pode abrir um processo, mas com a possibilidade de um envolvido no caso, fica mais clara a ação criminal. (PONTES, 2007, p. 97)

Diante do exposto, observamos que a interferência de uma segunda pessoa no ato suicida vem dar ensejo para o enquadramento penal desta pessoa. Ora, o suicídio é um ato de violência onde a vítima e o agressor são a mesma pessoa, logo se o indivíduo que tenta dar fim à própria existência é induzido, instigado ou auxiliado a consumir o seu intento, estará dividindo a autoria do homicídio com outra pessoa, que passará a responder pelo seu ato. Esclarecemos, no entanto, que o direito penal brasileiro não considera o suicídio um crime, portanto, rigorosamente, não se trata de co-autoria, mas de autoria, pela segunda pessoa, do crime de induzimento, instigação ou auxílio ao suicídio.

Registramos, aqui, alguns tipos de interferência médica que se enquadram nos debates da prestação de auxílio ao suicídio, a fim de obtermos maior esclarecimento sobre o tema. Em virtude dos numerosos trabalhos do Corpo de Bombeiros nas atividades de emergência pré-hospitalar, julgamos coerente que os militares do CBMCE

estejam cientes dos tipos de prestações de ajuda ao suicídio, tanto das formas tradicionais, bem como com as novas formas alcançadas com o avanço da ciência.

Têm-se dado ênfase ao debate sobre a eutanásia, a distanásia⁴, o suicídio assistido e a ortotanásia⁵. Segundo o professor da Universidade Federal do Ceará e, também, advogado Mendes Gifoni, a eutanásia teria a seguinte denotação:

[...] o médico, ou quem a pratica, comete um ato voluntário, constituindo-se uma causa agregante (nada a ver com a doença de base e não ocorreria se a ação não fosse praticada, como, por exemplo, uma injeção de cloreto de potássio na veia, para provocar uma parada cardíaca súbita), com a intenção deliberada de abreviar a morte do paciente e com a idéia ou objetivo de aliviar seu sofrimento em face da doença. (GIFONI, 2007, p. 06).

Dessa forma, pode-se distinguir a eutanásia da omissão de socorro, presente em algumas operações com bombeiros, tendo em vista que na primeira o *animus necandi*, o desejo de matar, deve existir. Deve-se salientar que a eutanásia enquadra-se como um homicídio atenuado pela idéia de misericórdia, anseio de diminuir-se maiores sofrimentos por parte da vítima.

No caso de desconhecimento da vítima de que lhe será aplicada a eutanásia, trata-se do crime de homicídio propriamente dito. Vejamos, nesse diapasão, o que dispõe o Código Penal, no seu artigo 121, parágrafo 1º, o chamado homicídio privilegiado:

“Se o agente comete crime impelido por motivo de relevante valor social ou moral, o juiz pode reduzir a pena de um sexto a um terço”.

Dentro das operações de bombeiro, e, às vezes fora delas, os profissionais do CBMCE podem ser questionados sobre formas de causar a morte, bem como serem até concitados a ajudarem nesse intento. Portanto, faz-se necessário que conheçam a legislação vigente no País sobre o ato em tela. Ademais, o artigo 21 do CP deixa claro que o desconhecimento da lei é inescusável. Apesar de se saber que em alguns países a eutanásia é legal, tal ato em território brasileiro causará implicações legais aos que o praticarem.

Já a aplicação da distanásia, o procedimento constitui-se, segundo Gifoni, da seguinte forma:

⁴ Distanásia refere-se à utilização de ações terapêuticas que não trazem a melhora do indivíduo, mas o aumento de seu sofrimento com o adiamento inevitável da morte.

⁵ Ortotanásia refere-se ao direito do paciente de optar por uma morte digna, com assistência de caráter humanitário, auxílio médico, social e familiar.

[...] utilização de medidas terapêuticas que não trazem qualquer benefício ao paciente em termos de cura ou melhora da qualidade de vida e alívio dos sintomas indesejáveis; ao contrário aumentam o tempo de seu sofrimento antes da morte, com evidentes danos à sua qualidade de vida no pouco tempo que lhe resta, apenas impedindo a evolução natural e biológica da doença de base e da finitude humana, postergando o seu descanso final numa ferrenha e artificial obstinação e futilidade terapêutica. (GIFONI, 2007, p. 08).

Em referência ao Corpo de Bombeiros, não se vê relação direta à prática da distanásia. Bem ao contrário, o escopo das ações de bombeiro situa-se no desejo cabal no prolongamento da vida, mas não com o objetivo de tornar esta sobrevida dolorosa ou improfícua, até mesmo porque estas ações situam-se na fase de primeiros socorros.

Em oposição à distanásia, Gifoni discorre sobre o novo tratamento da ortotanásia que se baseia na no Art. 5º, III, da CF: “Ninguém será submetido à tortura ou a tratamento desumano.” Bem como prossegue citando o Conselho Federal de Medicina (CFM) em sua resolução 1.085/06 sobre a Terminalidade da vida, que expressa em seu artigo 1º:

“É permitido ao médico limitar ou suspender procedimentos e tratamentos que prolonguem a vida do doente em fase terminal, de enfermidade grave e incurável, respeitando a vontade da pessoa ou de seu representante legal.”

Ainda na CF, em seu artigo 2º:

“O doente continuará a receber todos os cuidados necessários para aliviar os sintomas que levam ao sofrimento, assegurada assistência integral, o conforto físico, psíquico, social e espiritual, inclusive assegurando-lhe o direito de alta hospitalar.”

O professor Gifoni (IDEM, 2007, p. 08) deixa clara a diferenciação em relação à distanásia com a seguinte citação: “CFM, por conseguinte, em sua Resolução, assegura ao paciente, conforme a sua vontade, o direito a uma morte digna, com assistência plena em todos os sentidos humanitários, com apoio médico, social, da família e dos amigos – a ortotanásia.”

A ortotanásia, inferi-se, seria diferente da distanásia pelo fato de esperar o processo humano que é a morte de maneira natural. Ela não utiliza meios tecnológicos, médicos, dentre outros, para prolongar indeterminadamente uma vida que de maneira inevitável está marcada para ser consumada.

Ainda sobre esta questão, pode-se falar no suicídio assistido. O referido processo consiste no auxílio de consumação do extermínio da vida a um indivíduo que queira se matar e, geralmente, não pode realizar o intento sozinho. Cita-se como exemplo o desejo de morte de um tetraplégico que, em virtude de sua paralisia física, não pode se

matar sozinho. Há vários casos narrados de suicídios assistidos, como os procedidos pelo Dr. Jack Kevorkian, que executou vários processos de assistência em diferentes localidades dos Estados Unidos¹. Vale ressaltar que no Brasil o suicídio assistido está enquadrado como crime, não sendo permitido pelo CP, conforme o artigo 122 supramencionado.

Compete ao médico, segundo aqui analisado, determinar quando um paciente é ou não terminal, cabendo aos profissionais do Corpo de Bombeiros, sempre que se depararem com pacientes em estado crítico, buscar realizar a sobrevida de tais pacientes e levá-los à responsabilidade de um médico, preferencialmente em um hospital, o que manterá o padrão legal nas ocorrências sob os diversos cenários mencionados.

Assim, encontra-se azo para o enquadramento direto da atuação dos profissionais do Corpo de Bombeiros Militar em relação ao ato suicida. Indagamos aos entrevistados de nossa pesquisa sobre a questão da criminalidade envolvendo o ato suicida. Mais de uma resposta dos entrevistados foi considerada tendo em vista que se questiona se tanto o suicídio como a tentativa e o incentivo à morte voluntária podem, ao mesmo tempo, serem considerados crimes.

Salientamos que nas sociedades antigas, o suicídio era considerado crime e a vítima, mesmo após a sua morte, era punida com a perda dos bens, com a proibição de ser enterrada em cemitérios públicos, entre outras penas, que na realidade puniam a família da vítima. Este tipo de acontecimento é evidenciado, conforme o pensamento de Karl Marx, quando ele demonstra sua visão crítica sobre a punição de uma pessoa já morta:

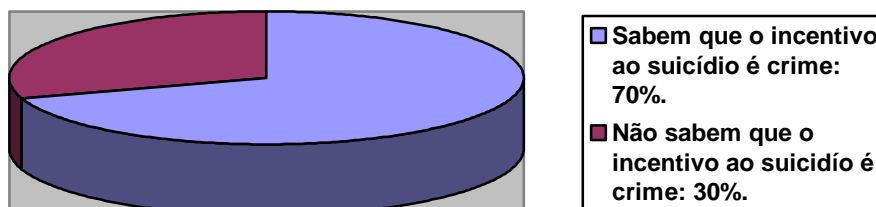
Acreditou-se que se poderiam conter os suicídios por meio de penalidades injuriosas e por uma forma de infâmia, pela qual a memória do culpado ficaria estigmatizada. O que dizer da dignidade de um estigma lançado a pessoas que não estão mais aqui para revogar as suas causas? De resto, os infelizes se preocupam pouco com isso e, se o suicídio culpa alguém, é antes de tudo as pessoas que ficam, já que, de toda essa grande massa de pessoas, nem sequer um indivíduo foi merecedor de que se permanecesse vivo por ele. (MARX, 2006, p.27).

Como prova da coerência das palavras de Karl Marx, viu-se cair em desuso o referido procedimento, restando apenas aos que estão em vida responderem pela participação no ato suicida.

Portanto, vendo-se a importância do conhecimento dos aspectos legais da atuação do Corpo de Bombeiros em relação aos acontecimentos envolvendo tentativas e suicídios, procurou-se retratar o nível de consciência jurídica dos profissionais do

CBMCE. O gráfico a seguir mostra a porcentagem de respostas ao questionário aplicado com os bombeiros, a fim de averiguar o grau de conhecimento de legislação envolvendo o ato suicida.

Gráfico 3 - Conhecimento quanto ao aspecto legal da participação no suicídio.



Dos dados obtidos, observa-se que a maioria, cerca de 70% dos bombeiros, sabe que o incentivo ao suicídio é crime. No entanto, registre-se que em torno de 37% pensam que a tentativa é imputável, bem como 15% consideram o suicídio um crime. O que leva, apesar de raras vezes, algumas guarnições de bombeiros a conduzir pessoas que foram resgatadas de tentativas de suicídio a delegacias, a fim de que elas possam receber a sanção cabível, causando embaraço ao procedimento legal a ser cumprido, posto que a autoridade responsável pela delegacia nada poderá fazer legalmente. *A posteriori*, tal fato poderá ser constatado na análise de ocorrências realizadas para estudo nesta monografia.

É relevante saber sobre a atipicidade da tentativa de suicídio em relação ao sujeito que a prática. Concorde-se com o que preceitua a lei brasileira concernente à ausência de sanção sobre quem tenta o suicídio, haja vista que a própria condição de querer aniquilar a própria vida já é sobremaneira pesada para ser suportada e, em somando sanções penais a tais portadores de tendência suicida, ter-se-ia um reforço das idéias de auto-extermínio.

Porém, além da perda de tempo e erro de finalidade que o desconhecimento da lei pode causar, há transtornos mais sérios a serem apreciados em virtude da ignorância da norma legal relativa às operações suicidas. A questão do auxílio foi previamente relatada, agora se observe o tema da instigação. Um importante exemplo é o da crença de que o indivíduo que ameaça jogar-se de um determinado lugar elevado o faz porque, simplesmente, tenta chamar atenção e não porque queira se matar de fato.

A confiança de que esta linha de pensamento é verídica influencia até mesmo profissionais bombeiros. Esta influência chega ao ponto de observar-se em diálogos mantidos entre os profissionais da Segurança Pública, acerca das operações suicidas, que em se falando à pessoa que queira se jogar que o faça sem demora, resultará por fazê-la desistir de se matar.

Há dois fatos importantes relativos a este aspecto. O primeiro deles é dizer a alguém, que está prestes a lançar-se ao encontro da morte, que o faça, é crime de instigação ao suicídio como já foi corroborado no presente tratado, o que retira a mais ínfima possibilidade de um profissional de Segurança Pública do Corpo de Bombeiros, ou qualquer instituição, fazer uso de tal recurso. O segundo está relacionado ao fato de que, por mais que possam existir pessoas que tentem meramente chamar atenção para receber apoio ou algum outro benefício qualquer, há aqueles que realmente estão dispostos a dar fim à própria vida e esperam somente um momento de coragem ou mais forte loucura para executarem seu ato, como o caso do suicídio aqui relatado:

Um homem de aproximadamente 25 anos de idade, provavelmente débil mental e até a noite não identificado pela polícia, saltou da mais alta torre de transmissão da TV cidade, na Av. Desembargador Moreira, bairro da Aldeota, e morreu ao chocar-se contra o solo. Desde as duas horas da véspera, quando escalou a torre de 100 metros de altura, até às 8h30min, quando pulou para o suicídio, ele prendeu a atenção de mais de 2000 pessoas, muitas delas que aos gritos pediam: pula, pula, pula. (JORNAL O POVO, Apud PONTES, 2007, p. 68).

Citamos, aqui, um dos casos mais famosos de suicídio da cidade de Fortaleza. A referida menção tem o intuito de exemplificar que o “mito” de tentar chamar a atenção por meio de simular uma tentativa de suicídio não tem sua constatação confirmada. Pode expressar mais, quando atentar-se ao fato de até mesmo um acidente poder ocasionar a queda do indivíduo que estiver na altura, bem como enfatizar-se o fato de o ente humano ser dotado de sentimentos e emoções mais fortes que o levam, até mesmo por vergonha ou “honra”, a recusar a descer, redirecionando o que seria uma tentativa de chamar atenção para uma fatalidade. Este fato pode ser instigado pela população que estiver presente no momento do sinistro:

No mais alto ponto da torre, ele atravessou o ferro que faz uma linha de proteção com um movimento felino, e começou a realizar verdadeiras acrobacias na ponta do parapeito. Em baixo a multidão aplaudia, vaiava, gritava, e continuava incentivando aos gritos de: ‘vamos, pula’. Quando um policial tentava se aproximar ele saltou para a morte, o seu impacto no chão causou um barulho surdo e o silêncio dispersou a multidão. (PONTES, 2007, p. 69).

O jovem que se matou era João Batista. Pontes (IDEM) estudou o caso a fundo, entrevistando familiares, amigos e muitas pessoas que tiveram contato prévio com o suicida, a fim de identificar as causas do suicídio do jovem. Esses estudos geraram mais de dez páginas no livro “Suicídio em Fortaleza. Estudo de 50 anos” denotando a grande relevância social dada ao caso.

Ainda em relação à morte de João Batista, pode-se perceber que as pessoas, muitas vezes, por ignorarem a lei, cometem atos de transgressão. No caso acima, houve instigação ao suicídio. Os indivíduos presentes, mesmo estranhos uns aos outros, em sua grande maioria, compartilhavam do mesmo desejo mortífero do anseio da morte de um homem que certamente não conheciam previamente. Contudo, pode-se verificar a influência do grupo, a força que a sociedade exerce sobre o indivíduo, pois, às vezes, até inconscientemente, o ser humano é levado a atos de mimetismo pelo simples fato de estar envolto em um meio onde é predominante um determinado tipo de comportamento pela maioria dos que o compõem. Em relação ao suicídio, Michael Löwy descreve:

As pessoas agem entre si como estranhas, numa relação de hostilidade mútua: nessa sociedade de luta e competição impiedosas, de guerra de todos contra todos, somente resta ao indivíduo é ser vítima ou carrasco. Eis, portanto, o contexto social que explica o desespero e o suicídio. (LÖWY, in: MARX, 2006, p. 16).

A análise de Löwy parece adequar-se ao caso do suicídio de João Batista. Na ocasião, um aglomerado de pessoas juntou-se clamando pelo sacrifício de um desconhecido, numa postura que faz a massa popular assumir a personalidade de carrasco, que objetiva a execução da vítima em meio ao contexto social encontrado na rua, em público, explicitamente, para quem quisesse ouvir e ver ao quão irracional pode levar um momento de impulso.

Chega-se até mesmo a fazer analogia que remonte a uma herança atávica dos povos primitivos. Comunidades que se deleitavam com o sangue dos seus semelhantes em espetáculos coletivos nas arenas. Tal procedimento nos dias hodiernos é digno de uma séria reflexão, pois colide frontalmente com os Direitos Humanos vigentes no País, bem como com o Código Penal.

No entanto, não nos seria possível determinar de forma precisa, em meio ao tumulto, qual pessoa gritou ou deixou de gritar os apelos para que a vítima pulasse. Tem-se um fato semelhante ao crime de linchamento, onde o sujeito da ação torna-se

indeterminado. Todavia, a Polícia e os outros órgãos competentes que estivessem no local, por exemplo, o Corpo de Bombeiros, deveriam tentar reprimir tal manifestação criminosa, sob pena de omissão.

Assim, analisamos um dos tantos casos peculiares encontrados em ocorrências envolvendo o Corpo de Bombeiros. Percebe-se que quanto mais aprofundado no conhecimento, seja ele da ciência do Direito, da área da Psicologia, da Comunicação Social, entre várias outras, mais o profissional do CBMCE poderá agir com eficiência e eficácia nas tão especiais operações que envolvem situações limites das tentativas de suicídio, onde a mais sutil falha poderá culminar em um desfecho trágico, tal qual foi acima relatado.

Estes mínimos detalhes podem fazer a crucial diferença entre a vida e a morte. E como é a morte voluntária um ponto extremo da bancarrota social, ela deve ser combatida para que se recuperem os valores perdidos, ou talvez ainda não encontrados, a fim de que os que ficaram em vida não sejam partícipes do desmoronamento social, porque o combate ao suicídio, concordando com as palavras de Karl Marx, é uma das lutas da conquista do bem estar social:

As relações entre os interesses e os ânimos, as verdadeiras relações entre os indivíduos ainda estão para ser criadas entre nós inteiramente, e o suicídio não é mais do que um entre os mil e um sintomas da luta social geral, sempre percebida em fatos recentes, da qual tantos combatentes se retiram porque estão cansados de serem contados entre as vítimas ou porque se insurgem contra a idéia de assumir um lugar honroso entre os carrascos. (2006, p. 29).

A morte voluntária é um fenômeno considerado natural por muitos estudiosos, todavia, a sua naturalidade pertence ao padrão comportamental da sociedade vigente. Compete, portanto, à sociedade criar os mecanismos de mudança das mazelas que se encontrem imiscuídas nela própria. Isso posto, concordando-se com a visão sociológica de que as sociedades estão em constante mudança, como diria Costa (2005, p. 401): “A percepção mais clara que o cientista social tem da realidade quando sobre ela se debruça é a de sua instabilidade e de sua permanente mudança”.

Atentemos, porém, que existem leis em cada sociedade que devem ser respeitadas, a fim de orientar essas mudanças e garantir o processo civilizatório. Enquanto as mudanças sociais não se manifestam de forma a extirpar todos os males, deverá o Estado prover a busca freqüente da mitigação dos males sociais. Nesse contexto, encontra-se o exemplo da instituição do Corpo de Bombeiros e sua nobre missão de primar pelo bem maior que é a vida humana, mediante a CF e os Direitos Humanos, agindo consciente das leis e respeitando seus limites

CAPÍTULO III – O DIÁLOGO COM O PORTADOR DE TENDÊNCIA SUICIDA

3.1 Comunicação e suicídio.

A palavra diálogo, segundo o dicionário de língua portuguesa de Aurélio Buarque, traz as seguintes definições: 1. Fala alternada entre duas ou mais pessoas; conversação. 2. Troca ou discussão de idéias, opiniões etc. A etimologia da palavra vem da língua latina com referencia ao vocábulo *logos* que significa razão, portanto, pode-se inferir que dialogo seria o debate, a busca da razão entre pessoas a fim de encontrarem um senso comum.

O valor da comunicação, da utilidade fundamental do dialogo, tem seu reconhecimento desde eras remotas. Ela é assunto de muitos livros da contemporaneidade, mas também de escritos que contam com cerca de dois mil anos, como se pode constatar na passagem bíblica a seguir:

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por meio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas e as trevas não prevaleceram sobre ela. (João 1, 1- 5)

O que faz notório o interesse e valorização da fala, desde épocas remotas. Esta valorização aumentou no decorrer do progresso da civilização, da economia, da ciência, das relações humanas em geral. Nessa perspectiva, pode se evidenciar a corroboração deste pensamento na citação de Costa (Op. cit., p. 294), ao expressar: “Quer para a sociologia, quer para as ciências da comunicação, a realidade a ser estudada é cada dia mais complexa, múltipla, plural e interdisciplinar”.

Assim, o presente capítulo que trata sobre o diálogo apresenta significativa relevância nas operações envolvendo os portadores de tendência suicida. Isto ocorre em virtude da articulação do verbo, a manipulação das palavras ser um elemento primordial para o sucesso dos resgates das possíveis vítimas de si mesmo, nos estados limites que acontecem nas tentativas de suicídio, pois através da comunicação é que se pode interagir com outros indivíduos.

É por intermédio da fala, ou de outra comunicação que o valha, que os profissionais do Corpo de Bombeiros argumentam idéias que possam conduzir o intento suicida de uma pessoa, prestes ao aniquilamento, a cessar. Por mais que consigam

contê-la fisicamente, se essa pessoa não se convencer de que deve desistir de exterminar-se, ela fatalmente seguirá perseguindo a morte até consumá-la, daí a crucial importância da vítima, a receptora da informação que parte dos profissionais de segurança. Dessa forma, concorda-se com Costa quando expressa:

A comunicação é a via pela qual as interações se dão de forma recíproca e em múltiplos sentidos, a partir de regras e códigos nem sempre evidentes. O papel do receptor ganha uma inusitada importância, pois é da sua compreensão e de sua resposta que dependem a continuidade e os rumos da comunicação. (2005, p.289).

Ressaltamos, como referido pela autora, que o receptor tem sua fundamental participação no diálogo. Dependerá desta comunicação mútua os rumos tomados na conversação, o que implica dizer que o profissional bombeiro precisa estar bem qualificado para conduzir o diálogo.

Entretanto, por mais habilidoso que seja na manutenção da comunicação, por mais persuasiva ou convincente que seja sua retórica, ele não é o único responsável pelo sucesso da operação. Ele dependerá inequivocamente de respostas, de reações que concordem com seu intento de salvar a vítima.

Como enfatiza ainda Costa (IDEM, p. 291) “É o receptor que, com sua cultura, sua subjetividade, e o contexto social no qual está imerso, estabelece o sentido de uma mensagem.”. Assim, o profissional bombeiro deverá eximir-se de culpa caso tenha atuado consoante os trâmites legais e todos os seus esforços tenham sido em vão, mesmo assim, posto que não era ele o único responsável pelo êxito da operação, uma vez que à vítima cabe um poder de respostas.

Sob esta linha de pensamento, observamos nas análises da filósofa alemã Hannah Arendt, cujos livros são amplamente estudados na área das Ciências Sociais, o diálogo, ou melhor, a sua ausência, está intrinsecamente relacionado com a violência. Para ela, quando o diálogo cessa, dá-se lugar a violência, posto que o silêncio é a recusa a encontrar a razão mútua, o senso comum. Assim, esgotam-se as alternativas, restando como último recurso a violência, a fim de sobrepor a vontade de um contra a do outro. Como já referido, o suicídio trata-se de uma violência direcionada ao próprio agente da ação destrutiva.

Hannah Arendt, judia que testemunhou o desenvolvimento da segunda guerra mundial, expressa que a sociedade atual vive um momento de engrandecimento bélico que seria um suicídio coletivo:

[...] a sua credibilidade, por assim dizer, estão intimamente relacionados com o estranho desenvolvimento suicida das armas modernas; está é a primeira geração a crescer sob a sombra da bomba atômica. Ela herdou da geração de seus pais a experiência de uma intromissão massiva da violência criminosa na política: aprendeu no ginásio e na universidade sobre os campos de concentração e extermínio, sobre o genocídio e sobre a tortura. (ARENDR, 2000, p. 20)

As idéias de Arendt são pertinentes à possibilidade de uma hecatombe da humanidade pelo suicídio coletivo. Aqui se encontra campo de menção aos reflexos de interação entre o social e o individual. A corrida armamentista do pós-segunda guerra mundial e a manutenção da produção de armas, hodiernamente, preparando a explosão da violência e do auto-extermínio da sociedade mundial, influenciam o *status quo* das aglomerações sociais fazendo repercutir no indivíduo, o desejo de eliminar a si mesmo. Este tipo de pensamento encontra-se nas linhas de raciocínio de Durkheim que acredita que a sociedade impõe seus valores nos indivíduos de forma que esses valores passam a fazer parte do eu pessoal.

Diante do exposto, surge o questionamento sobre os meios de solução, da forma pela qual o ser humano poderá impedir a bancarrota individual e coletiva. O homem, dotado da razão, procura os meios de sua sobrevivência em meio ao caos da turbulência social vivida na insegurança pública atual.

Porém, mesmo com a razão, sem a capacidade da comunicação, como poderia o homem viabilizar a solução dos seus problemas? Partilha-se das idéias de Hannah Arendt (IDEM, p. 59), quando declara: “Nenhuma outra faculdade, a não ser a linguagem – e não a razão ou a consciência -, distingue-nos tão radicalmente de todas as espécies animais.” Declaração que expressa a grandeza do poder da comunicação nas mais variadas áreas de interação entre os seres humanos.

Vê-se que a comunicação é de imprescindível importância para buscar-se mitigar a questão suicida coletiva e, por sua vez, individual, nas sociedades do planeta. Observe-se o que a psicóloga e socióloga Luiza Dias relata sobre o fenômeno do suicídio perante a sociedade:

Num momento onde se tende a uma compreensão sociocultural de fenômenos complexos que eclodem na realidade urbana, torna-se urgente uma análise atualizada do fenômeno do suicídio. O objetivo central seria investigar que intencionalidade carrega o discurso suicida (apreendido através das mensagens de adeus) e como ele pode ser compreendido no universo relacional do sujeito [...] tem como centro a tentativa de uma análise social do suicídio, com as outras pessoas da sua vida no momento que decide morrer. (DIAS, 1991, p. 83).

Dias refere-se, objetivamente, ao nosso assunto de comunicação suicida. De fato, em seu livro *Suicídio Testemunhos de Adeus* ela dedica significativa parte da obra à análise das mensagens deixadas por suicidas. Entretanto, o escopo maior deste capítulo diz respeito ao diálogo falado, em virtude de tentarmos obter subsídio valoroso em que os profissionais do Corpo de Bombeiros se apoiem nos momentos limites em que se encontrem para a decisão que se verifica na ocorrência suicida, onde cada segundo, movimento e palavra podem valer a salvação ou a morte para aquele que atenta contra si mesmo.

As mensagens escritas, entretanto, não deixam de ser a projeção do eu interior de quem está à beira do auto-extermínio. Elas são comunicações que não tiveram a chance de resposta. Portanto, pode-se inferir, a partir da análise de tais materiais, de forma geral, porque cada suicida tem seu drama íntimo diferenciado dos demais, como irão funcionar suas argumentações sobre a decisão final da escolha da morte. De posse desse conhecimento, o profissional de Segurança Pública poderá lançar mão de contra-argumentos que viabilizem a desistência do intento letal de autodestruição da vítima.

Contudo, não se pode esquecer a importante relação de emissor e receptor no momento do diálogo. Deve-se fazer notável a capacidade de interação entre o bombeiro e o portador de tendência suicida. Posto que a expressão do eu interior da vítima pode ser inibida ou incentivada por quem esteja mantendo o diálogo e conduzindo o momento limite e terminal da tentativa suicida. Aqui, faz-se importante tentar descobrir a realidade sociocultural do indivíduo, perceber de que meio ele é oriundo, o grau de escolaridade, o grau de sociabilidade, entrever as nuances de suas angústias, os reflexos que os valores sociais que fizeram seqüelas nefastas no indivíduo a ser salvo, seqüelas que atingem a ordem psíquica, como expressa Dias:

Cada sociedade forma certas identidades pessoais cujas características dependem da maneira como os padrões da cultura propõem lidar com os eventos psíquicos. E partindo, então, do pressuposto de que toda a sociedade reproduz sua cultura no interior do indivíduo, suas normas, seus modos de organizar as experiências e de manipular e recriar um imaginário [...] (1991, p. 85).

De posse desses conhecimentos, o condutor do diálogo poderá encaminhar, preferencialmente, a conversa para uma trégua do portador de tendência suicida, trégua de sua guerra pessoal calcada em dar fim a si mesmo.

Por outro lado, percebemos, pela experiência empírica, o alto nível de dificuldade em juntar os elementos, as informações necessárias para demover o portador

de tendência suicida, durante o diálogo, do seu desejo de aniquilação. Assim, mais necessidade encontramos em preparar os bombeiros e outros profissionais de Segurança Pública, a fim de enfrentarem situações que exijam as habilidades da retórica e persuasão verbal em prol do salvamento de vidas humanas.

Aprofundando o estudo sobre a análise de Dias em relação às mensagens finais de suicidas, constatamos um desejo de perpetuação do indivíduo que almeja a morte. Este desejo tem muita ligação ao valor religioso, que leva à crença da existência de um lugar melhor, como se houvesse um sentimento ambivalente entre querer morrer, porque se quer realmente e querer fugir de uma situação que parece ser completamente intolerável, insuportável para aquele que atenta contra sua própria vida. Assim, Dias declara sobre suas leituras das mensagens de suicidas:

Observa-se o tempo todo, nestas falas, um desejo intenso de perpetuação, de seguir para algo que é vivido mais como uma etapa da vida, ou uma etapa que se adiciona a vida, do que como a sua extinção. Isso não quer dizer que o indivíduo deseje viver: ele realmente aspira desligar-se desta vida aqui; porém, de outro lado, nitidamente aspira partir para um outro tipo de existência. A finitude humana é substituída por uma noção de entrada para a eternidade desejada na vida, e a vivência do sujeito suicida parece coincidir com a transposição de uma porta para um outro estado também vivo [...] (DIAS, 1991, p. 89).

A citação expressa um desejo, de certa forma, comum aos suicidas: o desejo de encontrarem continuação da sua existência. Apesar de realmente quererem morrer, como expresse acima, muitos acreditam que há um outro tipo de vida, talvez sem dores, sem os sofrimentos que os fustigam na vida corpórea, um estilo de vida que possa esperá-los depois dos pórticos da sepultura.

Há, entre os suicidas, aqueles que declaram a vontade de reencontrar parentes já falecidos. A situação seria de uma fuga da realidade atual vivenciada por eles, a solução dos problemas e o fim dos tormentos carregados em suas consciências. No entanto, o que poderá argumentar o profissional do Corpo de Bombeiros neste momento? De certo, pode-se argumentar, nesse exato instante, que não existe comprovação científica de que os sofrimentos são aniquilados com a morte do corpo físico.

Entretanto, deduz-se aconselhável que o profissional que atende à ocorrência suicida não menoscabe a fé, a crença do indivíduo com quem está falando. De fato, vê-se aconselhável que não haja o choque direto entre pensamentos antagônicos do emissor e receptor no diálogo e sim a tentativa de buscar-se a flexibilidade dos pensamentos, a relativização dos fatos.

Pode-se reforçar essa idéia de comportamento mediante atentados suicidas, pelo simples fato de os suicidas tentarem pôr solução em seus problemas de uma maneira terminal, radical, ou seja, com a finalização da vida. Se esse desejo radical choca-se com outro desejo, ou idéia também inflexível e radical, no caso a de um profissional despreparado para o diálogo, possibilita-se obter um fim trágico para a ocorrência, ao passo que a paciência e a astúcia na conversação poderão fazer uma equipe de resgate ganhar tempo para tomar medidas que evitem a projeção da vítima sobre seu destino destrutivo.

3.2. Primeiros Socorros Verbais para Atentados Suicidas.

O Corpo de Bombeiros do Estado do Ceará atua nas ocorrências que requerem primeiros socorros. Geralmente estes socorros são dedicados à parte física das vítimas. No entanto, constata-se a necessidade de atender ao paciente no que se refere ao estado psicológico.

É notório que uma vítima que apresente necessidade de intervenção dos profissionais bombeiros será mais bem atendida se estiver em estado mental harmônico. Por outro lado, a vítima que demonstra agitação, nervosismo, descontrole e, até mesmo, agressividade, poderá comprometer seriamente a qualidade do serviço prestado pela equipe de bombeiros.

Nesta linha de raciocínio, os primeiros socorros verbais são trabalhados atualmente em várias partes do mundo. Nos Estados Unidos, pensando nesses fatores diferenciais da qualidade de atendimento verbal, as profissionais americanas de linguagem em situações de emergência K. Acosta e Simon Prager, ambas envolvidas nos trabalhos de apoio aos profissionais de resgate, atividades de bombeiros e policiamento durante o atentado de onze de setembro, a queda das torres gêmeas, elaboraram um livro especialmente dedicado aos primeiros socorros verbais, à questão do diálogo em situações de emergência que requerem a habilidade retórica do profissional de Segurança Pública.

As referidas autoras comentam que o poder das palavras que escutamos todos os dias podem elevar nossa pressão arterial, fazer-nos sorrir, ou trazer-nos lágrimas aos olhos, porém nem todos sabem que as palavras certas, ditas nas horas certas, têm impacto psicológico profundo que afeta fisicamente os batimentos do coração de um

indivíduo e seu sistema nervoso, afetando o equilíbrio térmico, a respiração, o sistema endócrino e circulatório durante uma emergência.

Pelo exercício de observação, pode-se constatar o quão forte é a influência das palavras que ouvimos no dia-a-dia. Basta verificarmos o estado de alteração orgânica que qualquer um de nós terá ao iniciar uma discussão com outra pessoa, mesmo que seja uma discussão banal. No entanto, as palavras que captamos podem nos afetar ou não, dependendo da importância que será dada pelo receptor às idéias transmitidas por um emissor em um diálogo.

Dessa forma, enfatiza-se mais ainda a delicadeza que o assunto requer, bem como a sutileza que deverá ser empregada em atentados suicidas. Direcionando o assunto mais especificamente ao tema do suicídio, verifica-se o que as referidas autoras declaram sobre a morte voluntária:

O suicídio é terrível [...] É a última arma que nós temos em nossas mãos. Com ele pessoas podem escolher declarar guerra sobre elas mesmas e sobre todos que estão na área de atuação de sua autodestruição. Palavras não são garantias contra ele. Quaisquer palavras podem ser as palavras erradas, dependendo da mente do perpetrador. Mesmo 'eu te amo' pode parecer como uma faca no coração de alguém em dor psíquica que a leva para a autodestruição. Então primeiro de tudo, tente evitar o pânico e autculpa que rodeia a ameaça suicida. Algumas vezes é muito tarde para palavras. Algumas vezes as melhores palavras não podem ser escutadas. Algumas vezes, as melhores intenções podem ser frustradas. (ACOSTA; PRAGER, 2002, p. 243).

Concordamos com as autoras em relação à citação supramencionada, mormente no que concerne à ênfase de tentar-se evitar a autculpa e o pânico. A tentativa suicida é um recurso final e desesperado daquele que não mais encontrou saídas para solucionar os seus próprios martírios íntimos; é típico de indivíduos que estão dispostos a irem até as últimas conseqüências para fugiram das dores da vida ou alcançarem um outro objetivo que consideram maior que eles, por exemplo, um objetivo altruísta.

Outro fator de consonância com a idéia das autoras diz respeito à falibilidade das palavras a serem ditas. Se quem tenta se matar por uma causa sentimental, porque dedicou toda a sua vida, por exemplo, a outra pessoa, um amigo ou um parente, e essa suposta pessoa sempre a tratou com carinho e declarava um amor verdadeiro, para em seguida ser flagrada em traição desse mesmo amor, desse laço afetivo tão fortemente defendido, a frase "eu te amo", nesse caso, poderia fazer lembrar a deslealdade a que foi proferida à vítima que ali tenta se matar.

Esta lembrança poderá fazer o portador de tendência suicida reviver o seu martírio e obter descrédito sobre o profissional que tenta o convencimento de que morrer não vale a pena. Este é apenas um dos exemplos para que se possa tentar expressar que cada palavra ou expressão necessita de uma reflexão prévia antes de ser lançada como solução do problema de quem tenta se matar.

Às vezes, no entanto, não há mesmo mais tempo para palavras. No momento da tentativa suicida, a vítima poderá encontrar-se num estado de resolução total de executar a si mesma, logo tudo o que for dito será em vão para modificar a situação. Sobre essa condição específica mencionada sobre o suicídio, os bombeiros e outros profissionais que possivelmente atendam ocorrências com tentativas de morte voluntária devem estar cientes, a fim de evitarem a depressão ou trauma psicológico por pensarem ter fracassado na operação de resgate. Devem estar conscientes de que ninguém naquele momento poderia dissuadir o intuito mortífero da vítima, porque a escolha primordial é da própria vítima.

Outra situação de grande importância levantada ainda por Acosta e Prager é a da ocasião em que civis estão prestando socorros verbais a pessoas tentando se matar. Uma das primeiras providências diz respeito à solicitação de pessoal capacitado e legalmente competente para atuar na tentativa de suicídio.

Em Fortaleza, aconselha-se a ligar para o telefone de emergência 193, do Corpo de Bombeiros, ou 192, do SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência). No intervalo de tempo em que não chega a ajuda solicitada, as autoras aconselham o seguinte procedimento (2002, p. 244): “ Enquanto eles estão a caminho, mantenha o diálogo aberto com a pessoa em perigo. Se a pessoa está segurando uma arma, dê a ela ampla distância para que você fique fora do alcance de destruição da arma, se possível.”

A referida recomendação é importante também para os profissionais bombeiros ou outros que vão tentar dialogar com a vítima. Deve o profissional de resgate estar ciente de um dos tópicos básicos da atividade de primeiros socorros, sejam de natureza física ou verbal, aquele que presta socorro deve estar em segurança primeiramente, pois caso se machuque, e ainda não tenha resgatado a vítima, tornar-se-á uma outra vítima, aumentando os esforços a serem empregados para o controle da situação.

Em relação ao cenário do diálogo com o portador de tendência suicida, Acosta e Prager sugerem três tópicos básicos como tentativa de orientar o transcorrer da conversação, a fim de evitar o desastre eminente da execução voluntária:

1. Você irá querer ganhar uma relação de forma especial, mesmo além da aproximação lenta. Você irá tentar entrar na mente da pessoa, entender da melhor forma possível os sentimentos em turbilhão, quase prestes a explodir num ato irrevogável. 2. Ao mesmo tempo, você irá querer o tipo de desligamento que proteja você, você não irá querer mudar a situação para pior. E você irá querer cultivar o tipo de desligamento que leve o seu ego fora da situação enfrentada. Isso não é sobre você. Mesmo se a outra pessoa está tentando ferir você, por hora, isso é a respeito delas. Tire o foco de cima de você. Permaneça desligado, mas interessado. 3. Centralize em você como se você estivesse na situação de emergência. Repita um lema como este (ou qualquer um que funcione com você): 'Parte de mim está entrando na mente desta pessoa tentando ver o mundo através dos olhos dele ou dela. Outra parte de mim está andando fora disso de forma que eu consiga separar isto dos meus sentimentos e ser simplesmente útil. Ambas partes de mim rezam por ajuda'. (ACOSTA, PRAGER, 2002, p. 244).

Salienta-se que não existe um protocolo para atendimento de tentativas de suicídio. O que foi acima relacionado é uma tentativa de aconselhar uma possível conversação que se mostre profícua enquanto uma pessoa espera pela ajuda dos profissionais de Segurança Pública, ou até mesmo para estes profissionais que desejam aplicar a capacidade de verbalização de suas idéias com o objetivo de demover o desejo de morte do perpetrador.

Vê-se no primeiro tópico o aconselhamento de tentar-se compreender a psique da vítima. De fato, as causas da presente situação podem ser de ordem física tais como a fome, uma doença, a violência doméstica, um abuso sexual, todavia, essas forças físicas vão se manifestar na mente do indivíduo levando-o à tortura psicológica de ter que conviver com a lembrança dolorosa, a desonra, entre outros distúrbios psicológicos.

É na mente, então, que a decisão de lançar-se sobre uma morte voluntária reside. Logo, a desistência desse ato deve passar obrigatoriamente pelo campo das idéias, ser digerida e aceita por que aquele que procura o auto-extermínio, a fim de que possa se entregar ao convite de retorno ao desejo da vida. É na consciência que se deve procurar as nuances dos fatores que afligem uma pessoa. Portanto, a penetração no âmbito mental é de suma importância no trabalho de conversação entre bombeiro e portador de tendência suicida.

Por este mesmo motivo, os tópicos dois e três, apresentados pelas autoras, sugerem um alheamento do profissional de atendimento em relação ao problema aflitivo do paciente. Não deverá ocorrer um envolvimento emocional entre emissor e receptor no momento do diálogo, para que se possa evitar que essas mesmas emoções sejam conduzidas para um momento extremo no qual não possam ser controladas, o que virá a evitar o êxito da ocorrência. Ou ainda mais grave, levar a ocorrência para um desfecho trágico.

Ainda em relação ao diálogo nas ocorrências consideradas, deve-se também atentar para o que não pode ser dito em tais emergências. Note-se a profundidade dos comentários feitos por Acosta e Prager sobre palavras, idéias e expressões que não devem ser ditas no ambiente de uma tentativa de suicídio:

Primeiro, o que não dizer. Isto é tão importante que se continua repetindo: *quando conversar com pessoas que ameacem o suicídio nunca as ameace*. Nunca diga: ‘Tudo bem vá em frente’ nem ‘ Não ouse nem tentar’ isso também é um desafio. ‘Eu irei mostrá-los’ é uma motivação poderosa para matar alguém. Suicídios são freqüentemente atos de raiva, não somente contra si mesmo, mas contra o mundo. Quaisquer que sejam as razões para querer-se cometer o suicídio, não importam o quão pequenos ou mesmo absurdos eles possam parecer para você, eles se mostram maiores para eles. Honre isso e não despreze as preocupações deles. Não é o tamanho dos problemas, mas a falta de habilidade para lidar com eles que faz alguém desesperar-se. Lembre, também, se nada parece funcionar é às vezes melhor não dizer nada do que agravar a situação com as palavras erradas. (ID. IBDEM, p. 245).

Mediante o excerto acima, faz-se de antemão duas colocações. A primeira delas diz respeito à violência. Como já demonstramos, o suicídio é um ato de violência do próprio autor da ação sobre si mesmo e frequentemente contra o mundo e as pessoas nele inseridas. Deve-se lembrar que um portador de tendência suicida pode matar-se a qualquer hora, logo não temerá agredir veementemente o seu semelhante. Os bombeiros em ação devem tomar as devidas precauções para não sofrerem violência nas operações com portadores de tendência suicida.

A segunda colocação diz respeito à maneira que abordamos os problemas alheios. Geralmente os problemas dos nossos semelhantes não nos interessam e outras vezes eles são insignificantes, já que não nos atingem diretamente. Dessa forma, é indispensável que os bombeiros desfaçam esse apanágio fruto de um inconsciente coletivo e passem a olhar para os problemas e aflições alheios com empatia, colocando-se no lugar do outro, a fim de que possam mensurar a magnitude das dores das vítimas.

Vale lembrar também que por menor que seja um problema, a incapacidade de lidar com ele pode levar um ser humano à morte voluntária. Por fim, olha-se sob o mesmo prisma das escritoras Acosta e Prager, quando relatam que é melhor não dizer nada do que proferir palavras que venham a agravar a situação. Compete a cada profissional cultivar o trabalho de bom senso na escolha das palavras certas a serem ditas nos momentos certos.

Um exemplo disso é a passionalidade. Durante as múltiplas ocorrências de resgate de suicidas, encontram-se aquelas em que um dos cônjuges quer matar-se por

haver sido desprezado no relacionamento. Quando esse cônjuge pertence ao sexo masculino, costumam-se ouvir os comentários jocosos dos populares que acompanham, na maioria das vezes, o desenlace das operações.

Além de alguns desferirem palavras de ofensa à honra do homem, outros levantam suposições maledicentes em relação ao adultério da mulher. Mais sério, ainda, quando na situação da ocorrência são desferidas assertivas de que o mundo é cheio de outras mulheres solteiras à procura de um matrimônio ou convivência amorosa séria, como se toda a vida pregressa vivida por aquela vítima em desespero, juntamente com seu cônjuge, pudesse ser destruída e banalizada pelo simples fato de existirem inúmeras possibilidades de contrair-se outro casamento ou relação séria que o valha. Pensar e agir dessa forma são comportamentos que vão de encontro ao pensamento de que, apesar de alguns problemas parecerem pequenos, a falta de habilidade para tratar a determinada situação o fará tornar-se um grande problema.

Assim, compete aos profissionais de Segurança Pública evitar as o uso de palavras inadequadas, que sejam proferias tanto por eles como pela população que se encontre no local da operação. Caso necessário, os bombeiros podem apelar pelo apoio policial no controle das pessoas que assistem ao transcorrer da ocorrência e estejam interferindo de maneira negativa, sendo feito para se evitar o insucesso do resgate.

Outro recurso de grande relevância é manter o suicida em potencial conversando. Se o diálogo é mantido, é obvio que a vítima está viva. Logo, manter o portador de tendência suicida dialogando é um passo fundamental na estratégia dos primeiros socorros verbais. Neste foco, Acosta e Prager tecem os seguintes comentários, que se conclui serem pertinentes à temática analisada:

Se você conhece a pessoa ou não, é frequentemente uma boa idéia iniciar o estabelecimento da aproximação fazendo perguntas. Mantenha a pessoa falando. Se for uma pessoa que você não conhece evite estabelecer qualquer coisa como verdade, a não ser que esteja claro (por exemplo, “ Está no meio da tarde.”) Faça perguntas. Mantenha-as falando. Faça o máximo possível de perguntas “O que” que você puder racionalmente imaginar. Ou perguntas “quando”, ou “onde”, ou “quem”. Simplesmente lembre-se que as pessoas acham difícil, ou frustrante, responderem as perguntas “por que”, especialmente quando elas estão tristes. [...] Se você observar que suas perguntas e comentários estão ficando chatos mude a tática. Não fique com ou force uma linha de raciocínio que não está funcionando. Recue graciosamente. Peça desculpas se você achar necessário ou útil. Lembre-se que não existem palavras infalíveis, não existem palavras que não possam provocar uma pessoa em desespero ou desesperada. Novamente, *dizer nada e estar amavelmente presente é ainda alguma coisa*, isto pode ser a única coisa viável. (2002, p. 245).

Como referido, a manutenção da conversa é uma estratégia poderosa para o sucesso do resgate. Habilmente, as autoras expressam estilos de perguntas que possam manter os suicidas, em potencial, conversando. Note-se que as perguntas sugeridas são de fácil resposta, fazendo com que o diálogo se mantenha e possibilitando a quem está sendo atendido uma abertura para poder falar mais.

Foi estabelecido que as perguntas que contivessem “por que” seriam desaconselháveis. Isto ocorre, consoante as autoras, em virtude desse tipo de pergunta poder levar o suicida em potencial a um aborrecimento, caso encontre dificuldade ou sinta-se frustrado em respondê-las. Apesar de concordar-se com a opinião das autoras, acha-se válido o adendo de que caso o portador de tendência suicida venha a se disponibilizar a falar sobre os porquês de seus pensamentos, de seus anseios, martírios ou o que deseje falar, o avaliador, responsável pelo diálogo, poderá cautelosamente conduzir a conversa.

Essa estratégia terá como objetivo descobrir as soluções para os problemas enfrentados pela vítima e, destarte, o profissional encarregado da tarefa de socorro poderá traçar planos que possam finalizar com segurança o resgate em desenvolvimento. O que poderá acontecer pela súbita contenção física do perpetrador ou calmamente pela aquiescência em render-se, de forma pacífica, aos cuidados dos bombeiros ou outros encarregados do salvamento.

Por fim, ressalta-se a questão da atenção ao diálogo. Foi muito bem estabelecido que, caso a conversa esteja ficando monótona ou desinteressante, cabe ao bombeiro em cena mudar sutilmente o caminho da conversa ou, até mesmo, mudar a estratégia de sedução do que está sendo falado. Se, em virtude de insegurança, ou outro motivo de força maior, o bombeiro ou pessoa responsável pela manutenção do diálogo com o suicida em potencial não estiver seguro de como conduza a natureza dos procedimentos em questão, será preferível ficar calado.

Nessa situação, poderá escolher ficar em silêncio, tomando uma atitude respeitosa que demonstre a possibilidade de se colocar em ação a qualquer momento que a vítima venha a desistir de seu intento e se entregue a proteção dos que estão a postos para o resgate. Não se pode esquecer, todavia, que se um bombeiro, por exemplo, não está conseguindo estabelecer o melhor nível de colóquio ou não está conseguindo comunicação alguma, ele poderá humildemente dispor do seu lugar de negociador com outro bombeiro ou profissional qualificado, que se presuma poder gerenciar o momento de crise de maneira mais eficaz e eficiente.

Este é um ponto muito importante a ser abordado nas ocorrências de tentativas de suicídios. Tendo em vista que o trabalho executado é um trabalho de grupo, não deve haver o desejo do heroísmo descabido, que coloca em risco a vida de quem atende a ocorrência, de quem está em vias de consumir a tentativa de suicídio e dos outros profissionais e populares.

Deve-se evitar, também, o anseio de tornar-se o centro das atenções, num arroubo descabido de vaidade, por parte dos bombeiros ou quaisquer funcionários públicos em cena. Fato este digno de menção, por, em experiências pessoais, ter-se constatado o tipo de ânimo em certos prestadores de socorro que deixam as emoções e vaidades pessoais tomarem conta de si, o que poderá ser fatal para ele ou ela, bem como para as demais pessoas na circunvizinhança da ocorrência.

Após importantes observações aqui mencionadas, voltamos à questão fundamental da manutenção do diálogo na ocorrência suicida. Acosta e Prager, mais uma vez, colocam em pauta determinadas perguntas que podem manter a fluência do colóquio no momento limite da tentativa suicida, são elas:

O que deveria ser diferente para você de forma que você continuasse a querer viver? Quais são as pessoas que poderiam ajudar você em relação a isso? Em que você gostaria de ajudar em relação a desistir de se matar? O que você deseja que as pessoas entendam sobre você? (2002, p. 246).

Concordamos que as perguntas acima são de grande relevância para a condução da conversação. A primeira delas vai direto ao ponto, de forma geral e sutil, em que o suicida em potencial baseia seu problema de querer morrer.

Se algo não está bem, não está harmônico na vida de quem tenta se matar, alguém poderá encontrar uma solução para o problema daquele que procura a morte. Logo, caso seja possível uma reversão no quadro narrado pela vítima, o profissional em serviço deverá, perspicazmente, encontrar meios de solucionar o problema ou debater com a vítima a solução do problema, a fim que ela desista do auto-extermínio.

Outra ferramenta essencial é saber quem são as pessoas que podem ajudar a vítima a sair da situação em que se encontre. Há registros de que a presença de entes da família foi imprescindível ao êxito de operações de resgates suicidas. No entanto, não se pode olvidar que, às vezes, o móvel da ação suicida reside em um determinado familiar ou afeto que o portador de tendência suicida chame ao local, e, por desejo de vingança, almeja que ele ou ela assista ao momento de seu sacrifício.

Encontra-se nesta situação o impasse que já foi previamente discutido: não existe protocolo de resgate em tendência suicida. Assim, compete aos bombeiros em serviço de tão árdua tarefa, ajuizar sobre as melhores estratégias a serem realizadas.

Assim posto, estabelecemos interligação das duas últimas perguntas. Elas convergem para um ponto comum, no qual a pessoa da vítima é posta em situação de auxiliar, de colaborador com a solução do problema em pauta. Mais forte ainda, observamos a possibilidade da vítima ser escutada, entendida, e exibir seu desejo de compreensão por parte das pessoas que a rodeiam e que convivam com ela e, talvez, não tenham se apercebido da carência de atenção, da simples necessidade de ser ouvida que uma pessoa desesperada tem.

Os questionamentos em tela são um forte aliado na aproximação mais íntima ressaltada pelas autoras Acosta e Prager (op. cit.). Muitos peritos do assunto dizem que ao debater com um portador de tendência suicida, deve ser levado em conta que a opção feita por ele de desistir da vida é um lenitivo, mas que é um alívio das tensões falarem sobre o assunto de cometer ou não o suicídio, muito mais do que seja algo que venha a alimentar esse desejo. Tudo, no entanto, depende fortemente da habilidade de como se conduz a conversa com pessoas envoltas nesse quadro emocional.

Ainda conforme o foco de análise desenvolvido por Acosta e Prager (2002), estas comentam outra seqüência de perguntas que deve ser feita caso a primeira bateria de questionamentos tenha funcionado de forma salutar. As autoras sugerem:

Quais pessoas devem ser notificadas a respeito do que você está prestes a fazer? Quando eu devo comunicá-las? Elas deveriam vir agora? O que eu devo dizer a elas? O que fez você achar que deveria terminar com sua vida? Quando foi a primeira vez que você pensou nisso? O que você acharia melhor do que estar aqui agora? Quem vai sentir a sua falta? Se eles responderem com ninguém, siga com Você tem cem por cento de certeza a respeito disso? Se a resposta para essa é sim, então você pode seguir com Houve algum tempo na sua vida em que existiam pessoas que iriam sentir a sua falta caso você se fosse? [Sim] Quem eram eles? O que saiu errado? Então siga com O que deveria acontecer para você para que as pessoas na sua vida sentissem a sua falta caso você se fosse? (2002, p.247).

A segunda bateria de perguntas acima é uma possibilidade de caminhar-se mais profundamente na descoberta da causa da tentativa de suicídio. Inicia com a busca de descobrirmos se existem parentes que possam destituir o suicida em potencial de tentar se matar, se eles devem se informados sobre a situação emergencial que está ocorrendo e se podem até mesmo ser trazidos para o local da ocorrência. Sabemos que a família é conhecida como célula básica da sociedade, a presença de familiares, principalmente

dos genitores de uma pessoa que queria se matar, pode ter um efeito fortíssimo sobre a vítima. Compete ao negociador de serviço no palco operacional conduzir esses efeitos para um lado positivo, um lado que possa fazer com que haja a desistência de extermínio da vida, ocorra a escolha pela opção viver.

A seqüência de interrogações continua com a busca de desvelar a causa da tentativa suicida presente. Mediante a descoberta da causa do desejo de morte da vítima, o profissional encarregado do salvamento poderá sugerir formas de mitigar e, até mesmo, solucionar o problema que aflige o paciente. Notamos que a última pergunta da série apresentada suscita uma seqüência de outras interrogações todas relacionadas a amigos, pessoas que possam se preocupar e sofrer caso o paciente venha realmente a se matar.

Esta subseqüência de perguntas converge para a característica social do ser humano. O homem é essencialmente social, necessita da companhia de seus semelhantes e, por meio desse conhecimento, o negociador almeja atingir o cerne das emoções e mesmo o instinto de conservação daquele que tenta a morte voluntária. Com as raras exceções em que a vítima sofra uma psicopatologia, que algumas vezes converge para uma aversão à sociedade, a estratégia de apelar aos relacionamentos familiares e amigáveis demonstra-se como uma boa alternativa de aproximação que propicie o resgate com segurança da pessoa em perigo.

3.2.1 Análises de diálogos em tentativas de suicídio.

Aprofundando o ato da conversação nas ocorrências suicidas, discorreremos sobre alguns tipos de tentativas de suicídio e as formas de condução dos diálogos que obtiveram êxito. As escritoras Acosta e Prager ressaltaram alguns tipos de ocorrências envolvendo tentativas de suicídio que chamam atenção por darem uma visão geral do que se pode encontrar em múltiplas outras operações de resgate.

A primeira delas, relatadas no Livro *O Pior está Terminado*, é o relato de uma mulher que adiou o suicídio em virtude de ter encontrado profunda reflexão sobre o destino de sua filha de apenas dois anos de idade. O negociador de serviço, no dia em que ela tentava se matar, usou as estratégias preconizadas nessa obra.

Você pode também fazê-los lembrar das implicações da ação que eles estão considerando que existem pessoas que os amam e seriam gravemente feridas pelo suicídio deles, se ele de fato fosse verdade. Não invente nada do que

you don't know. Specify for them what would be missing in the life of some person without them, using what you learned about their life. You can remind them of what reason they should live. There must be businesses still not finished that, about the new one called, establishes an appeal for the future and a requirement for them to stay a little longer, a way to assist in what happens. (ACOSTA, PRAGER, 2002, p. 248).

Through this technique, the professional who was talking to the woman managed to dissuade her from trying to kill herself. Through questions about her life, he discovered that she was trying to kill herself because of her husband who was driving her crazy and, if she killed herself, the only person who would take care of her daughter would be her father, in the case, the object of her desire to escape this world. She reflected on what would be her daughter's destiny in the hands of a man she considered so cruel, that because of her troubled marital relationship, she reached the point of attempting to take her own life. Thus, she postponed that fatal moment.

Emphasizing the question of the postponement of voluntary death, the authors stress that this can be one of the topics of conversation:

You can say, in a necessary moment, when no other argument seems to persuade: 'There is always time for suicide. This is always an option. You don't have to do it at this exact moment, because you can always do it tomorrow'. This is evidence. There can be a better moment, or a better way to live [...] (ACOSTA, PRAGER, op. cit., p. 249).

Let us note that the argument above is made when other possibilities of persuasion have been exhausted. Thinking in this way is to try to gain time and dissuade the present intention at that moment, but it can be dangerous, as it can lead the victim to not remove the suicidal idea from her mind. However, it does not fail to be a resource that will work with success.

Another attempt at suicide is narrated in the mentioned book *O pior está Terminado* (The Worst is Over). Acosta and Prager (2002, p. 249), relate: "The suicidal person was sitting in a water pipe, with a rope wrapped around his foot, ready to pull an electric heater placed inside the pipe to electrocute himself". Here we have an unusual point, he respects the way a person can choose to die.

According to the authors, a police officer from the American Police of Kansas decided to change his strategy after observing that the appeals for the victim to stay alive were fruitless. Instead of talking about living, he decided to talk about ways to kill and die. Breaking the rule that one should not invent facts, the officer astutely

declarou ser um estudioso das formas de morte que os seres humanos podiam enfrentar, e que uma das piores formas de morrer era a eletrocussão. Disse que ele passaria talvez cinco ou dez minutos em extrema dor, sendo torturado pela passagem da corrente elétrica que abriria seu peito ao meio, fazendo-o experimentar uma das piores torturas que um homem podia sofrer. Ele também falou que o homem poderia reconsiderar se matar naquele momento e eles poderiam conversar sobre modos suaves de se morrer. Este foi um método completamente insólito. Todavia, foi uma forma viável de demover o suicida em potencial de seu intento destrutivo.

Dentre dessa linha de exemplos, analisa-se uma operação de resgate suicida ocorrida em Fortaleza. O fato sucedeu-se no dia 23 de novembro de 2003, por volta das 23h, no viaduto que liga o bairro do Castelão à avenida Oliveira Paiva, passando por sobre a BR 116. Encontrávamo-nos de serviço, comandando a equipe de salvamento do então Grupo de Busca e Salvamento e pudemos ser um dos negociadores da operação, bem como registramos no livro do CBMCE as ações perpetradas durante o resgate do senhor E.A.L., de 27 anos. A referida ocorrência é um exemplo diferenciado do que pode ser feito, a fim de concluirmos com êxito uma operação. Os dados do registro seguem abaixo, tal qual se encontra no livro:

Informo a V.Sa. que ao chegar ao local do sinistro, por volta das 23h, encontravam-se uma viatura da PM, uma da Polícia Rodoviária Federal e 02 (dois) Patrulheiros da AMC. Fui informado pelos policiais que a vítima, que se encontrava sentada na 'mureta' da pista com as pernas para o lado de fora do viaduto, havia brigado com sua mulher e por isso queria se jogar, que o mesmo estava com uma faca embaixo da perna esquerda e que disse ser primo do CB BM E. do GSU. Solicitei ao CIOPS a presença do CB E.. Em seguida, tentei falar com a vítima, mas não pude me aproximar muito, pois o mesmo ameaçava se lançar a todo instante, estando em posição desfavorável e com um vento forte soprando a favor de derrubá-lo. Um senhor que passava de carro desceu e veio ao local dizendo que era 'pastor' evangélico e eu lhe permiti que falasse à vítima para podermos ganhar tempo. A vítima pediu um cigarro, parei vários carros para conseguir um cigarro, pois iria segurá-lo na hora de lhe entregar nas mãos o que pedia. A vítima não permitiu que me aproximasse com o cigarro ao que passei ao 'pastor' que também não teve permissão para chegar mais perto. Pedi que jogasse o cigarro e o fósforo e ele o fez. A vítima, sentada na 'mureta', em vez de tentar entrar no viaduto, deslocou-se lateralmente sentada para pegar o cigarro. Nesse momento o SD S. que estava do lado oposto correu velozmente no momento exato da distração da vítima e com destreza e precisão impressionantes, agarrou a vítima pelo tórax e derrubou-a para o lado de dentro do viaduto. Pulei, nesse instante, em cima de ambos e gritei para os policiais pegarem a sua faca, mas o CB BM B. informou que ela havia caído na BR – 116. A vítima, sem ferimentos, foi conduzida para o resgate 14 e deixada em sua residência aos cuidados da mãe. Saliento que o SD S. não estava amarrado em nenhuma corda de segurança e, voluntariamente, de maneira espetacular arriscou sua própria vida para salvar a vítima o que é digno de elogio por parte deste oficial e de toda a Corporação Bombeiro Militar. (Extraído do Livro de Ocorrências do Núcleo de Busca e Salvamento do CBMCE, 2003, p. 16).

Iniciamos os comentários sobre a ocorrência, abordando o fato da chegada ao local, antecipadamente ao CBMCE, de várias outras instituições públicas responsáveis pela segurança da população. Como já demonstrado, não somente o Corpo de Bombeiros, mas as demais instituições públicas que possam se deparar com atentados suicidas devem ter seus profissionais preparados para enfrentar este tipo de situação.

Outros dois detalhes dignos de menção inicial são a questões do crime passionai como sendo um dos fatos mais registrados nas tentativas suicidas, bem como a vítima ter declarado que tinha um vínculo de parentesco com um bombeiro do CBMCE. Assim, um dos primeiros procedimentos foi identificar o mencionado Cabo para que fosse ao local e conseguisse ajudar na solução da ocorrência.

Uma das peculiaridades na situação analisada foi a de que o suicida em potencial acreditava em Deus. Depois da certificação dessa informação é que foi permitido ao pastor evangélico, orientado também para não se aproximar sem permissão, falar com o homem que ameaçava matar-se. Isto se deu pelo fato de ele ter pedido para fumar um cigarro, mas como ninguém em todas as equipes presentes era tabagista, foi necessário parar alguns carros na outra faixa da pista do viaduto para que um dos motoristas, em um gesto altruísta, doasse cigarros para a vítima, o que na realidade tinha o objetivo, como foi descrito no registro, de capturar a vítima no momento em que ela recebesse o que tinha pedido.

No entanto, a vítima não procedeu conforme planejado para a captura e finalização da ocorrência. Apesar de ela não ter permitido um aproximação considerável para que fosse contida fisicamente, a distração obtida por meio do diálogo constante, bem como sua movimentação ao encontro dos cigarros que tinha pedido, deram o tempo de resposta suficiente para que um dos bombeiros tomasse uma iniciativa que foi decisiva para o desfecho da operação.

Salientamos ainda dois outros detalhes importantes. O primeiro diz respeito à tentativa de trazer um dos seus parentes, referido na pessoa do Cabo E. De fato, coincidentemente, o referido bombeiro estando de serviço em uma ambulância, conseguiu chegar rapidamente ao local, porém afirmou não ser parente da vítima, tornando-se inviável a utilização do seu apoio na ocorrência. O fato de o homem ter acertado o nome do bombeiro ainda permanece sem explicação. O outro detalhe concerne à atuação do Soldado S. que não recebeu nenhuma ordem de lançar-se sobre a vítima de maneira que arriscasse sua vida, no entanto, ele assim procedeu por convicção de que teria uma alta probabilidade de êxito na ocorrência. Como se vê a questão da

manutenção, da continuidade do diálogo aparece como um fator determinante no sucesso das operações em pauta.

Verificamos outro exemplo de tentativa de suicídio em que a utilização do diálogo pode ser utilizada de forma eficiente. A referida tentativa aconteceu na praça central da cidade de Aracati, interior do estado do Ceará, no dia 17 de dezembro de 2003, por volta das 17h55min, onde o senhor F.W.L., de 29 (vinte e nove) anos, foi resgatado. Abaixo segue a transcrição literal do registro da ocorrência escrito pelo Tenente F.C.O., do CBMCE:

O suicida estava no topo da torre da BCP, com altura de 70m. Primeiro subiram SD S. e CB W., em seguida Ten. C. que tomou a frente da negociação para convencê-lo a descer e sair do lado externo da torre. Com o decorrer da conversa o suicida desviou sua atenção olhando para baixo e, em fração de segundos, este oficial o segurou pelo braço vindo a ter o apoio do SD S. que há muito conversava com o mesmo para não cometer o suicídio. Dominamos o mesmo e colocamos para dentro da torre e descemos pela tiroleza. Ao chegar em baixo foi recebido pelo Dr. Delegado E. F. ao qual levou para o hospital, pois o mesmo estava aparentemente muito drogado. Ressalto a V.Sa. que tal fato foi acompanhado por toda população de Aracati e demais meios de comunicação daquela cidade e foi presenciado pelos ch de segurança da BCP e ch. de comunicação da mesma. (Extraído do Livro de Ocorrências do Núcleo de Busca e Salvamento do CBMCE, 2003, p. 52).

Observamos, mais uma vez, que a manutenção da conversação é primordial para o êxito de salvamentos suicidas. Note-se que o bombeiro Soldado S. é o mesmo da ocorrência anterior e dessa vez fez o papel de negociador para que o Tenente em cena segurasse e contivesse a vítima. Este fato demonstra que a preparação das qualidades de negociador, em ocorrências suicidas, deve acontecer independentemente do grau de hierarquia, haja vista que todos os bombeiros podem se deparar com esses tipos de ocorrências; seja em serviço operacional ou casualmente, na vida cotidiana.

Constatamos também o que já foi mencionado sobre ocorrências de tentativas de suicídio: a população, sempre que tiver chance, estará presente. Este aglomerado de espectadores poderá auxiliar ou atrapalhar a ocorrência, de acordo com a condução que será realizada pelos profissionais responsáveis pelo resgate.

Outros fatos, entretanto, exemplificam o que acontece quando as possibilidades de diálogo são esgotadas. A operação de resgate abaixo relacionada aconteceu no dia 30 de outubro de 2004, em um bairro da zona oeste de Fortaleza e chama a atenção pelo fato do perpetrador da tentativa ser um policial militar. Segue o registro em cópia autêntica:

O SD PM C. encontrava-se segurando a fiação elétrica e ameaçando tocar na parte energizada. Foi utilizada da força necessária e suficiente, após esgotadas as negociações e diante do agravamento da situação, para conter desvencilhar o militar da rede elétrica. Atuação direta do 1º Ten. O. e Cb V. Entregue ao 1º Ten PM A. que o conduziu ao IPC e posteriormente ao 5º BPM. RP 5246. (Extraído do Livro de Ocorrências do Núcleo de Busca e Salvamento do CBMCE, 2004, p. 98).

Retomando aqui as reflexões de Hannah Arendt a despeito da falência da fala, quando cessado o diálogo, tem-se palco para a violência. O oficial do Corpo de Bombeiros declarou em seu registro que tentou negociar e quando deduziu não haver mais possibilidade de conversar, partiu para a força necessária, o que poderia ser conceituado como violência legítima e legal posta em ação, a fim de se evitar um mal maior.

Seguindo esta linha de pensamento, verificamos que quanto maior a possibilidade de diálogo em uma ocorrência, maior também será o êxito da operação e menores os prejuízos físicos e psicológicos aos envolvidos. Para demonstrarmos outra prova do que está sendo estudado, analisaremos uma operação que também tivemos oportunidade de comandar, em que uma mulher dialogou com a guarnição de bombeiros apenas para declarar ser uma profissional auxiliar de enfermagem. O fato ocorreu no banheiro de um *shopping* de Fortaleza, no dia 29 de novembro de 2004, onde uma mulher de 55 anos aproveitou o período de fechamento da instituição comercial para iniciar seu ritual de auto-extermínio:

Vítima Sra. A. A. C. 55 anos residente à rua, digo, Av. Carapinima, 2638 Benfica – Primeiros socorros feitos pelo SGT R. e CB M. Conduzida na VTR SAMU 09 – M. e G.. No local RP 5183. SD A. e SD J. A vítima, que se dizia auxiliar de enfermagem, aplicou anestésicos em si mesma e em seguida executou um processo de auto dilaceração das mãos com uma lâmina sendo impedida pela guarnição do salv. 01 de efetivar seu suicídio. (Extraído do Livro de Ocorrências do Núcleo de Busca e Salvamento do CBMCE, 2004, p. 76).

Verificamos na ocorrência acima mencionada o alto grau de dificuldade para contenção da vítima. O fato de ela ter aplicado anestesia em si mesma, a fez ficar imune à dor e aumentar os obstáculos de contenção.

Outro fator que não foi mencionado no registro foi que a vítima espalhou sangue sobre o seu corpo, o que aumentou a área de contato dela com os integrantes da guarnição, tornando a imobilização da mesma uma verdadeira acrobacia. Tudo isso poderia ter sido evitado caso a mulher tivesse cooperado na questão do diálogo, porém a mesma parecia estar em um estágio de debilidade mental momentânea, talvez causado

por algum fato traumatizante que não foi descoberto pela equipe de bombeiros, em virtude da vítima ter negado comunicação e iniciado de imediato a auto-mutilação física.

Para ocorrências do tipo acima relatadas, enquadram-se as colocações de Acosta e Prager (op.cit.), quando declaram que a opção de viver ou morrer parte do autor da tentativa. Destarte, os bombeiros ou outros profissionais encarregados do serviço de resgate devem ficar imunes aos danos que foram causados à vítima, por vontade própria.

CAPÍTULO IV – PROGRAMA DE REDUÇÃO DA VIOLÊNCIA: O CVV

4.1 Histórico do Centro de Valorização da Vida.

O Centro de Valorização da Vida é uma instituição que teve origem na Inglaterra, sendo criada pelo reverendo Chad Varah. Ele viu nascer a idéia da ajuda a pessoas que quisessem falar sobre assuntos sérios, após a morte de uma garota de 14 (quatorze) anos de idade, no ano de 1936, em Londres, que se matou quando notou que estava sangrando e achava que tinha contraído uma doença grave, o que na realidade era primeira menstruação dela.

O sacerdote ficou tão comovido com o fato do suicídio ocasionado pela simples falta de diálogo que decidiu tomar uma decisão importante. Ele escreveu para um pequeno jornal de Londres informando que se alguém quisesse falar seriamente sobre assuntos sérios ele estaria disponível para atender, ao telefone ou pessoalmente, quem quer que fosse, em sua própria casa.

A reportagem no jornal ganhou uma divulgação impressionante. Rapidamente várias pessoas ligaram para o reverendo para tratar de assuntos pessoais importantes. A notícia do atendimento espalhou-se e pessoas de outros países da Europa passaram a viajar para Londres com o objetivo de conversar, compartilhar os problemas com o reverendo Varah.

Como o número de pessoas a serem atendidas era muito grande, o reverendo pediu ajuda de outros sacerdotes. A estes últimos juntaram-se profissionais da área de Assistência Social e outros das áreas da Psiquiatria e Psicologia. A idéia contagiou os moradores de Londres e, em seguida, ganhou força espalhando-se para cidades do interior e outros países.

No ano de 1962, o Centro de Valorização da Vida foi criado no Brasil. A estrutura de atendimento é baseada no CVV de Londres. Os integrantes do programa são também conhecidos como samaritanos, em clara alusão à parábola do Bom Samaritano encontrada na Bíblia, Lucas 10:30-37, na qual um samaritano ajuda um homem estranho que tinha sido roubado e espancado por ladrões, demonstrando que se deve fazer o bem, sem nem mesmo conhecer a pessoa a quem se faça. Esse dado é bem semelhante à forma de atuação do CVV, onde os voluntários, na maioria dos atendimentos, estão falando com pessoas ao telefone que nunca encontraram em suas vidas.

Atualmente, no Brasil, o CVV é reconhecido como entidade de utilidade pública federal pelo Decreto Lei n.º 73.348 de 20 de dezembro de 1973, e desenvolve também outras atividades altruístas como o Hospital Francisca Julia, para pacientes com problemas mentais e sem recursos financeiros. No País, existem em torno de 2500 (dois mil e quinhentos) voluntários espalhados em 57 (cinquenta e sete) postos nos seguintes estados: Amapá, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraíba, Pernambuco, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. Os voluntários atendem gratuitamente a todos que desejam falar sobre seus problemas ou, simplesmente, uma companhia para conversar sobre assuntos sérios.

4.2. O CVV e o Corpo de Bombeiros Militar do Ceará.

A psicóloga e socióloga Luiza Dias trabalhou como plantonista voluntária do CVV em São Paulo e relata que existe ainda muita dificuldade para a instalação dos postos nas cidades:

O fato de o CVV ser uma instituição sem fins lucrativos cria uma série de dificuldades financeiras para a sua manutenção. Os postos acabam tendo que se estabelecer em locais cedidos em hospitais, como é o caso do posto no Hospital Matarazzo, ou de outras instituições (igrejas, creches, etc.). (DIAS, 1991, p. 67).

Na cidade de Fortaleza tem-se um fato inusitado, o Centro de Valorização da Vida está situado dentro das dependências do Quartel do Comando Geral do CBMCE, situado na Rua Oto de Alencar, 215, Jacarecanga.⁶ Verifica-se que ao hospedar o CVV dentro de suas dependências, o CBMCE está fazendo um trabalho de auxílio a uma instituição federal que prestará socorro a pessoas depressivas que necessitam de ajuda.

Dessa forma, O CBMCE está, também, colaborando para um trabalho de prevenção das tentativas de suicídio. Se muitas pessoas que são atendidas pelos voluntários do CVV desistirem de buscar a morte voluntária, os esforços realizados pelo Corpo de Bombeiros serão menores, principalmente no que diz respeito ao número de atendimentos de chamadas para resgate de tentativas de suicídio.

Pensamos, nesse sentido, sobre a quantidade de recursos pecuniários gastos nas operações com suicidas. O que será menos oneroso, uma ligação telefônica ou os gatos

⁶. O número do telefone de atendimento é o (85) 34651010.

com combustível, com materiais de primeiros socorros, de salvamento, de manutenção das viaturas? Olhando-se por esse ângulo, raciocinamos ser bastante viável e econômico trabalhar com a prevenção das ocorrências, em vez de tentar remediá-las. Assim, nota-se preferível evitar os danos físicos e psicológicos que um indivíduo possa ter como seqüelas de uma tentativa de suicídio.

Voltando ao modo de trabalho do CVV, procurou-se conhecer as diretrizes dos trabalhos realizados pelos voluntários. Dentre os detalhes pesquisados, foram obtidos conhecimentos sobre os princípios e sete práticas que norteiam os trabalhos do CVV. São eles, abaixo enumerados:

Princípios. 1. O objetivo primordial dos postos do CVV é estar disponível para prestar apoio emocional às pessoas que estão se sentindo propensas ou determinadas a praticar o suicídio. 2. Os voluntários também procuram aliviar o sofrimento, a angústia, o desespero e a depressão, ouvindo e oferecendo apoio àqueles que sentem não haver ninguém disponível para aceitá-los e/ou compreendê-los. 3. A pessoa que faz contato com um posto do CVV terá respeitado o seu direito à liberdade de tomar suas próprias decisões, inclusive a de suicídio, a de romper o contato a qualquer tempo e a de permanecer no anonimato. 4. O fato de uma pessoa ter procurado o apoio pelo CVV, bem como tudo o que tenha dito e possa identificá-lo é completamente confidencial e sigiloso, permanecendo restrito ao próprio voluntário e, excepcionalmente, à coordenação do Posto quando estiverem em risco os princípios e a segurança do trabalho ou de qualquer pessoa. 5. Quando o apoio solicitado for além que o CVV tem disponível e preparado para oferecer, a pessoa será esclarecida sobre os objetivos do trabalho. 6. Os voluntários, no trabalho de apoio aos que procuram o CVV, são, por sua vez, apoiados e orientados pelos demais, especialmente os mais experientes e os que integram a Coordenação do Posto. 7. Os Postos são apolíticos e não sectários, e os voluntários jamais tentarão influenciar ou impor suas próprias convicções, quaisquer que sejam, àqueles que procuram o CVV. Práticas. 1. Os voluntários são cuidadosamente selecionados por suas qualidades pessoais e aptidões naturais para o trabalho. Os processos de aperfeiçoamento individual do voluntário e da sua prática e de integração às atividades do CVV são objetos de atenção e empenho permanentes. 2. Os voluntários são integrados em Postos que permanecem em atividade ininterrupta, durante 24 horas do dia e todos os dias do ano, podendo ser contactado por telefone, visita pessoal, correspondência, e outros meios. 3. Quando a pessoa procura o CVV encontra-se propensa ou determinada a praticar o suicídio, ela obtém a integral disponibilidade dos voluntários, durante o tempo que for necessário. 4. O apoio às pessoas nas demais situações é oferecido com idêntica disponibilidade, apenas sofrendo restrições se houver comprometimento do objetivo primordial do CVV, a critério da coordenação do Posto. 5. Os voluntários não interferem na vida das pessoas que não pedirem ajuda diretamente ao CVV. Contudo, oferecem também o seu apoio e esclarecem àqueles que estão preocupados com o bem-estar delas. 6. O voluntário é normalmente conhecido pelo seu primeiro nome e número de registro. Os contatos feitos por aqueles que procuram são realizados exclusivamente através do Posto, de forma a manter o anonimato do voluntário. 7. Os voluntários desenvolvem suas atividades observando as normas do Posto do qual participam, que por sua vez está integrado a uma Regional, e esta às demais, visando manter uma unidade dos princípios, das práticas e das diretrizes do CVV. (DIAS, 1991, p. 68).

Em abril do ano de 2007, foi realizada entrevista com representante oficial da Associação na cidade de Fortaleza. O objetivo foi visitar as instalações do CVV e obter maiores esclarecimentos acerca dos trabalhos desenvolvidos.

A sede do CVV está localizada no Quartel do Comando Geral do Corpo de Bombeiros, ao lado da entrada principal que se posiciona de frente ao pátio, de forma que quaisquer festividades, treinamentos, paradas militares ou evento que aconteçam no interior do quartel, as pessoas que participem poderão visualizar a porta de entrada. Porém, a porta, sinalizada com a marca do CVV, está sempre fechada, sendo necessário utilizar uma campainha para entrar na sede.

As dependências do CVV de Fortaleza dispõem de dois ambientes, um térreo e outro no primeiro andar. O interior da sede assemelha-se a uma pequena casa, onde tudo está muito bem organizado, e existem móveis domésticos, televisão, cozinha com fogão e geladeira, comidas, tudo fruto de doações. A representante do CVV informou que aquela forma de organização interior, com tantos aparatos do lar, é imprescindível em virtude de que os plantonistas passam noites na sede e precisam realizar todas as necessidades físicas.

As paredes dentro da sede estavam cheias de quadros onde se podiam ler as diretrizes da Associação. O espaço superior era destinado a reuniões entre os voluntários. No meio da sala principal encontrava-se uma porta que dava acesso à outra sala menor. Era a sala de atendimento. Contudo, a representante do CVV informou não ser possível a entrada de outras pessoas na cabine dos telefones que não fossem exclusivamente por parte dos atendentes.

Após as informações iniciais, com muita receptividade, a representante da Instituição, mediante nossas indagações, discorreu sobre a criação do Centro de Valorização da Vida e, em seguida, sobre o Programa de Seleção de Voluntários (PSV).

O programa de Seleção de Voluntários ocorre três vezes ao ano e, somente através dele, uma pessoa poderá ingressar na Associação. No entanto, é necessário que essa pessoa tenha mais de 18 (dezoito) anos de idade e demonstre disponibilidade para ajudar os outros. A psicóloga e socióloga Maria Luiza Dias, autora do livro *Suicídio Testemunhos de Adeus*, que trabalhou como plantonista no CVV de São Paulo, escreveu sobre o perfil dos plantonistas da Associação:

[...] geralmente são pessoas leigas quanto a Psicologia ou Psiquiatria, provenientes de áreas diferentes de trabalho (professores, arquitetos, enfermeiros, assistentes sociais, aposentados, auxiliares de escritório, donas-

de-casa, estudantes universitários, etc.) com curso superior ou não e de diferentes faixas socioeconômicas. (DIAS, 1991, p. 74).

A representante informou que o voluntário deverá também apresentar vocação, no sentido de mostrar uma propensão natural para executar os delicados serviços de atendimento ao público, e adaptação ao estilo de trabalho realizado. Esta adaptação deve ser qualidade básica do atendente, pois, por exemplo, as faltas em plantões devem ser seriamente justificadas podendo levar à exclusão do quadro de plantonistas. Um período em que a central de telefones do CVV não esteja funcionando, pode significar a vida ou a morte para uma pessoa em desespero que necessite de ajuda imediata.

Ela esclareceu que existem duas linhas de telefone para atendimento, mas apenas uma linha funcionava, por falta de mais voluntários. Segundo suas informações, existem 32 (trinta e dois) voluntários trabalhando no CVV de Fortaleza. O ideal seria, no mínimo, 45 (quarenta e cinco) voluntários. Para formar os voluntários são necessários 03 (três) meses de treinamento, após a seleção, e 01(um) mês de estágio supervisionado. Quem irá formar os voluntários deverá ter um curso de monitor que é realizado na cidade de São Paulo. Ela acrescentou que a Secretaria de Saúde do Estado do Ceará, muitas vezes, disponibilizava passagens para os voluntários realizarem cursos de preparação e participarem de eventos importantes.

Nesse sentido, foram obtidas informações sobre a arrecadação pecuniária do CVV. Foi declarado que existiam voluntários contribuintes que não podiam trabalhar em virtude de tempo, ou força maior, mas doavam valores pecuniários à instituição. Havia também a realização de feijoadas, bingos, rifas, recebimento de cupons fiscais e outras ações, a fim de poder cobrir os custos das atividades do Posto. Existiam, também, doações esporádicas de instituições como a Estação da Luz que, no ano de 2006, doou parte da arrecadação do maior evento beneficente do estado do Ceará, a Mostra Brasileira de Teatro Transcendental. A representante informou que essa doação foi significativa e esperava que mais pessoas voltassem seu olhar para o relevante trabalho que faziam.

Perguntada sobre as influências psicológicas que os atendentes sofriam, por estarem em contato com idéias de depressão, tristeza, suicídio, abandono, entre outros, ela respondeu que existiam várias ações preventivas com os voluntários. Além das ações preventivas, existiam as observações e cuidados que cada voluntário tinha com o outro, para evitar influências ruins entre os próprios plantonistas.

Todos os meses acontecem reuniões para conversarmos sobre depressão, auto-ajuda, suicídio, formas mais salutares de atendimento, manutenção do equilíbrio emocional do atendente. São exibidos filmes que falem sobre coisas boas como “A corrente do Bem”, “O terminal”, etc. As reuniões têm esse objetivo, de forma que os atendentes voluntários não se influenciem com a carga, a energia emocional que é direcionada a cada um deles. Na maioria das vezes, temos que lidar com as perdas. A perda do amor é um das mais sérias, mas também existe a perda de objeto, de um animal de estimação [...] (Entrevista com representante do CVV em abril de 2007).

Indagamos à entrevistada se havia outro tipo de prestação de serviço que não fosse através do telefone. A representante informou que o CVV estava aberto a visitas de pessoas que procurassem ajuda entre o período de 08h da manhã às 18h da tarde. Esse tipo de atendimento suscitou o questionamento sobre o fato de CVV em Fortaleza estar localizado dentro de um quartel de bombeiros e isto possibilitar uma maior segurança, abrindo espaço para atendimentos pessoais na própria sede. Porém, foi informado que não somente em Fortaleza, mas nos outros postos pelo Brasil, o atendimento pessoal acontecia.

Sobre o perfil das pessoas que telefonam para o Posto, a entrevistada comunicou que, em virtude de sigilo que é um dos pontos fortes da conduta dos voluntários que trabalham no CCV, ela não iria responder a pergunta. Entretanto, o livro *Suicídio Testemunhos de Adeus* traz informações, de forma geral, sobre o perfil de algumas pessoas que procuram o CVV:

As problemáticas trazidas pela fala das pessoas são muito variadas, porém alguns conteúdos tendem a se repetir. Temas como sexualidade, separação, perdas, solidão aparecem com razoável constância. Serventes ou guardas que ligam de seus empregos à noite. Pessoas sem dormir por insônia. Jovens com problemas com namorados, com a família ou que sofreram perda por morte ou separação. Problemas com marido, esposa, situações de abandono ou pelo menos assim sentidas pelas pessoas. A mãe que está só em casa esperando acordada o filho voltar, ou o marido ou a esposa que está só porque o outro viajou. Há pessoas que ligam num grau de angústia, depressão ou ansiedade tão intenso que chegam a permanecer no telefone com o plantonista por mais de uma hora. Existem ligações onde a pessoa apenas chora. (DIAS, 1991, p. 73).

Destacamos que as colocações de Dias são genéricas. Nenhuma identidade de pessoas que procuram o CVV foi revelada. Entretanto, não se censura a precaução da entrevistada do CVV Fortaleza, tendo em vista a natureza dos trabalhos realizados pela Associação.

Por fim, a entrevistada foi perguntada sobre a sua iniciação pessoal nos trabalhos do CVV. Ela declarou o seguinte:

Eu estava prestes a me aposentar. Fiquei refletindo sobre o que iria fazer em todo o tempo livre que eu teria após a minha saída do emprego. Eu queria fazer um trabalho solidário. Eu queria fazer algo que fosse útil ao outro. O importante é o outro. Foi então que, nessa procura, eu encontrei o CVV e ingressei no quadro de voluntários. (Entrevista com voluntária do CVV em abril de 2007).

Ante o exemplo da voluntária do CVV, podem ser observadas maneiras profícuas de emprego do tempo. Ressalta-se que as políticas públicas podiam atingir uma grande massa populacional que deseja participar de trabalhos voluntários, no País, mas se encontram ociosas sem saber como ajudar. Talvez, no Brasil, a facilidade de atuação para o voluntariado devesse ser incrementada.

4.2.1 Métodos Diretivo e Não-diretivo.

Na busca de compreendermos, mais claramente, as formas adequadas de comunicação com portadores de tendência suicida, fomos buscar esteio no método de entrevista do CVV, baseado nos trabalhos do psiquiatra americano Carl R. Rogers e seus métodos de entrevista diretivos e não-diretivos.

O método diretivo baseia-se na habilidade que um psicólogo ou entrevistador tem em resolver os problemas da pessoa a ser auxiliada. Vejamos o que expressa, mais detalhadamente, o psiquiatra Carl Rogers:

Pode-se dizer que a consulta psicológica do tipo diretivo é caracterizada por muitas perguntas, extremamente precisas, e de que se esperam respostas específicas e por informações ou explicações dadas pelo psicólogo [...] O psicólogo dá cada vez mais oportunidades ao cliente para exprimir as suas atitudes em relação a pontos precisos e indica ao cliente os problemas e situações que ele, psicólogo, verifica necessitarem ser corrigidos. Esclarece, reformula ou reconhece o conteúdo daquilo que o cliente diz. Procura suscitar uma alteração propondo a atividade que o cliente devia empreender e, conjugando os dados e a influência pessoal, garantir a realização dessa atividade. (ROGERS, 2005, p. 124).

Destacamos no excerto acima a expressão “influência pessoal”. Como já mencionamos, o método diretivo está centrado na resolução dos problemas do cliente, nesse caso, o cliente corresponde ao suicida em potencial e o entrevistador, ao bombeiro ou outro profissional em serviço da Segurança Pública. Assim, o entrevistado recebe a influência pessoal do entrevistador, a fim de que seus problemas sejam corrigidos mediante o juízo de valor expresso pelo entrevistador. Este tipo de entrevista sugere um tipo de manipulação dos valores pessoais do indivíduo, onde prevalecem os critérios do que é certo ou errado a partir das convicções do entrevistador.

O método diretivo foi utilizado pelo Centro de Valorização da Vida desde sua criação, em 1962, até o ano 2000. A partir de então, o método de entrevista do CVV foi trocado pelo método não-diretivo. Verifica-se o que relata Carl Rogers sobre o método não-diretivo:

Por outro lado, a consulta psicológica de tipo não diretivo é caracterizada pelo predomínio da atividade do cliente, que assume a maior parte da conversação sobre seus problemas. As técnicas fundamentais do psicólogo são as que ajudam o cliente a reconhecer com maior clareza e a compreender seus sentimentos, atitudes e padrões de conduta e as que encorajam o cliente a falar sobre eles. Metade das intervenções do psicólogo integra-se nestas categorias. O psicólogo pode atingir progressivamente esse objetivo, reformulando ou esclarecendo o conteúdo do diálogo com o cliente. Não é raro dar ao cliente a oportunidade para exprimir seus sentimentos sobre pontos específicos. Levanta com menos frequência questões precisas para obter uma informação qualquer. Ocasionalmente, fornece informações ou explicações referentes à situação do cliente. Embora uma técnica deste tipo não seja utilizada com muita frequência, há uma redefinição da situação de entrevista como sendo fundamentalmente a situação do cliente, que ele deve utilizar para o seu próprio desenvolvimento. (ID. IBDEM, p. 125).

Concernente à explicação de Rogers, percebemos o porquê da mudança no tipo de entrevista do CVV. Segundo o terceiro princípio das diretrizes internas do CVV, a pessoa que faz contato com a Associação tem respeitado o direito de tomar as suas próprias decisões, inclusive à de desistir da vida. O que fará o voluntário do CVV é ajudar essa pessoa caso ela queira fazer outra opção a ser seguida. Não há constrangimento por parte dos voluntários, mas apoio e aceitação, aliás, a metodologia rogeriana é baseada na aceitação incondicional, compreensão empática e autenticidade. A aceitação incondicional é baseada na alteridade, no respeito às diferenças já que cada indivíduo é único. A compreensão parte do pressuposto de que se deve tomar o lugar do outro, colocar-se no seu papel para obter uma melhor dimensão da situação em que ele se encontra. Mas estes dois princípios não poderão ter sucesso se não houver a autenticidade no relacionamento orientador-orientado.

Entretanto, diante destes dois métodos, surge o questionamento de qual deles seria melhor para a atuação do Corpo de Bombeiros. Para obter-se uma resposta viável para a interrogação em questão, destacamos o que Carl Rogers relata acerca das diferenças entre os dois métodos:

A consulta psicológica não diretiva baseia-se na convicção de que o cliente tem o direito de escolher os seus próprios fins na vida, mesmo que estes sejam divergentes daqueles que o psicólogo teria escolhido para ele [...] O ponto de vista não-diretivo confere um grande valor ao direito que todo indivíduo tem de ser psicologicamente independente e de manter a sua integridade psíquica. O ponto de vista diretivo confere um alto valor ao

conformismo social e ao direito do mais forte dirigir o menos apto. Estas perspectivas têm uma relação importante tanto com a filosofia social e política como com as técnicas de terapia. (ROGERS, 2005, p. 127).

Pela análise dos comentários de Carl Roger, pode-se inferir qual o melhor de tipo de entrevista a ser executada pelo Corpo de Bombeiros. Como foi acima expresso, a entrevista não-diretiva tem um caráter centrado no cliente, no caso em tela no suicida em potencial, todavia, vê-se que existe uma divergência de valores entre a possibilidade de deixar que os portadores de tendência suicida escolham seus próprios caminhos, tendo em vista que o trabalho do Corpo de Bombeiros é fazer prevalecer a vida.

No momento da tentativa de suicídio, parte-se do princípio que o indivíduo que atenta contra própria vida não está em plena consciência de seus atos, ele está sim, tomado por forte emoção e é dever dos bombeiros evitarem a decisão de morte voluntária, nem que para isso tenham que utilizar a coerção através da energia necessária. Isto posto, devido à natureza coercitiva que é necessária ao procedimento de salvamento dos suicidas em potencial, o método diretivo parece adequar-se melhor ao *modus operandi* do Corpo de Bombeiro, em razão da natureza de seus serviços.

Vale esclarecer que o Estado tem o dever de zelar pela vida dos indivíduos, sendo esta um bem jurídico indisponível, ou seja, o indivíduo, em tese, não pode dispor da própria vida. Nesse sentido, o CBMCE, atuando como aparelho estatal que é, não pode se omitir, dando liberdade a um suicida de decidir entre morrer ou permanecer vivo. Como Estado, a Corporação militar deve, inclusive, utilizar-se da força, se necessário, para impedir o resultado morte.

Ademais, não existe garantia de que a pessoa que tenta se matar não seja um paciente com debilidades mentais. Talvez seja alguém incapaz de discernir entre o certo e o errado, o bom e o ruim. Esta simples dúvida já gera o ensejo da atuação coercitiva do Corpo de Bombeiros, a fim de evitar qualquer tentativa de suicídio. Observe-se o que acrescenta Carl Rogers sobre o modelo de entrevista:

É evidente que o método não-diretivo se aplica a uma imensa maioria de clientes que têm capacidade para conseguir soluções razoavelmente adaptadas para os seus problemas. Deste ponto de vista, a consulta psicológica não pode ser o único método para lidar com alguns grupos restritos – psicóticos, deficientes e talvez alguns outros – que não têm capacidade para resolver as suas próprias dificuldades, mesmo com ajuda. (2005, p. 128).

Desta perspectiva rogeriana deduzimos a inviabilidade do método não-diretivo aos serviços prestados pelo CBMCE em tentativas de suicídio. O método diretivo surge

como opção mais adequada ao salvamento de pessoas que procuram a morte voluntariamente, mas não se sabe sobre a sanidade mental desses indivíduos, sendo necessário ao Corpo de Bombeiros resolver o problema emergencial, para que, depois, os profissionais da área de Psiquiatria e Psicologia possam trabalhar na recuperação desse paciente.

CAPÍTULO V – CBMCE E ESTATÍSTICAS DE SUICÍDIO EM FORTALEZA

5.1 Suicídio em Fortaleza e na RMF.

No campo da Sociologia, a análise estatística é um fator de grande importância. Émile Durkheim, especificamente tratando do assunto suicídio, analisou dados estatísticos que deram grande notoriedade ao supracitado fenômeno social, o que viabilizou a constatação de incidências regulares de suicídios entre indivíduos de mesma faixa etária, gênero, estado civil, vínculo empregatício, entre outros.

No presente trabalho, realizamos levantamento estatístico sobre os atendimentos prestados pelo Corpo de Bombeiros em áreas da cidade de Fortaleza e Região Metropolitana⁷. Os dados estatísticos aqui analisados são referidos ao início do século XXI até meados do ano de 2006. O relativo espaço temporal foi escolhido em virtude do notável crescimento do fenômeno quando da passagem do século XX para o século atual.

É um fenômeno alarmante, sobretudo nos países desenvolvidos. A Organização Mundial de Saúde declarou que, em 1973, tivemos diariamente, 1.000 casos de suicídios e aproximadamente 10.000 tentativas. Esses dados foram ratificados por inúmeros autores. Estima-se que em 2002 um milhão de pessoas ‘se matou-se’ (*sic*) e um número dez a vinte vezes superior tentaram, dando uma média de um suicídio a cada 40 segundos e uma tentativa a cada 3 segundos. Nos países onde a incidência é grande, existe uma tendência ainda maior a elevação na taxa. (PONTES, 2007, p. 104).

Destacamos que a citação acima se refere a taxas em nível mundial. Entretanto, mesmo estando abordando o fenômeno suicídio em Fortaleza e RMF, é relevante conhecer as estatísticas mundiais, a fim de que possamos ter uma base de comparação da situação encontrada na circunscrição geográfica, temporal, política e social do presente trabalho.

Segundo dados da Coordenadoria Integrada de Operações de Segurança, em 2002, em Fortaleza e sua Região Metropolitana, 227 (duzentos e vinte e sete) pessoas cometeram o suicídio, tendo sido registrado um número de trinta pessoas menos, ou seja, podemos constatar através da observação dos dados coletados que houve 197 (cento e noventa e sete) tentativas de suicídio, o que expressa, ao contrário dos dados

⁷ A respeito da RMF, analisa Pontes: [...] a Região Metropolitana de Fortaleza que surgiu no ano de 1973, através da lei complementar n.º 14, constituída pelos seguintes municípios: Fortaleza, Caucaia, Pacatuba, Aquiraz. Já no ano de 1986 Maracanaú foi anexado e, em 1991 outros municípios passaram a integrar essa região. Foram eles: Eusébio e Guaiúba. (2007, p. 103).

relativos ao mesmo período, ano de 2002, em relação às estatísticas mundiais, que existiram mais pessoas se matando em Fortaleza do que somente tentando o suicídio. Esses dados demonstram uma tendência diferente entre as estatísticas locais e as estatísticas no resto do mundo. Em relação a esta questão entre suicídio e tentativa de suicídio, Pontes assevera que:

Alguns pesquisadores querem atribuir significado diferente entre a tentativa e o suicídio consumado, sendo o primeiro mais um apelo, uma busca de atenção. Sobre este assunto discordamos frontalmente, conforme não só nossa experiência clínica, como também na profunda reavaliação bibliográfica que há anos realizamos. Objetamos tratar-se de uma avaliação a margem de critérios científicos e excessivamente machista. (2007, p. 105).

Pela relevância de nossa abordagem, concordamos com Pontes, tendo em vista que tanto as tentativas como as consumações de suicídio têm um peso forte diante das estatísticas, tendo o próprio Émile Durkheim abordado especificamente estes dois aspectos. Ainda em referência às estatísticas sobre suicídio e tentativas de suicídio no ano de 2002, observamos que essa tendência de a taxa de suicídios superarem as tentativas não se repete, em nossa cidade, nos outros anos do período analisado na presente monografia, com exceção do ano de 2001. Tal variação pode ser reflexo de trabalhos sociais, políticas públicas e/ou atuação da Segurança Pública no sentido de impedir que as tentativas se consumassem.

5.2 Estatísticas do CBMCE no século XXI.

Do início do século XXI a junho de 2006, expressamos novamente que, segundo dados do CIOPS, do total de 2436 ocorrências, o número de tentativas de suicídio foi de 1328 (mil trezentos e vinte e oito) e o número de consumações de suicídio foi 1108 (mil cento e oito). O que expressa uma taxa de aproximadamente de 0.45, ou seja, 45% de efetivação do ato suicida em frente ao número total de ocorrências desta natureza.

Dentro da metodologia de pesquisa utilizada, foram apurados os dados registrados pelo Corpo de Bombeiros Militar de atendimento a chamadas em ocorrências envolvendo suicidas. Segundo os dados encontrados, tem-se o quantitativo expresso no gráfico 2, referido no Capítulo II, demonstrando a eficiência do CBMCE, 98,71%, em que seus membros se fizeram atuantes. Do exposto, inferimos que quanto maior o número de atendimentos realizados pelo CBMCE, maiores as chances de sucesso da manutenção da vida de quem atenta contra si mesmo.

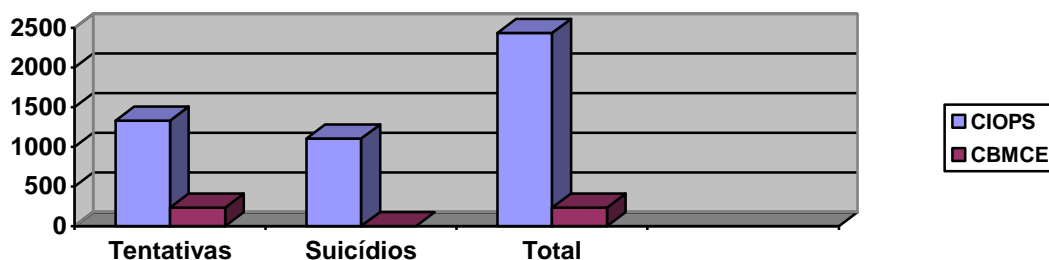


Gráfico 4 - Atuação do CBMCE em relação aos registros do CIOPS no período de Janeiro de 2001 a Junho de 2006.

Com relação aos meses do ano, a Gráfico abaixo demonstra:

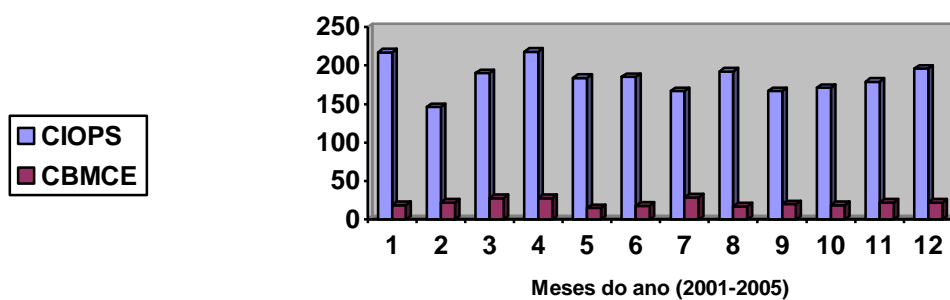


Gráfico 5 - Registro de casos – CIOPS x CBMCE.

Da observação dos gráficos acima, juntamente com o que já foi mencionado a respeito da qualidade de atendimento dos componentes do CBMCE, podemos suscitar relevante questionamento sobre a discrepância entre o número de ocorrências registradas no CIOPS e o número de atendimentos realizados pelo CBMCE, pois observamos nos gráficos que a quantidade de chamadas no CIOPS é bem maior do que as chamadas atendidas pelo Corpo de Bombeiros. Já que pudemos demonstrar eficiência e sucesso das ações de resgate dos bombeiros quando estes têm a chance de se fazer presente e atuar nas ocorrências envolvendo suicidas, por que existe um afastamento entre a demanda de operações que requerem a presença do Corpo de Bombeiros e a quantidade de ocorrências atendidas?

Antes de tentarmos responder ao presente questionamento, informamos que esta elucidação vincula-se a inúmeros fatores endógenos e exógenos ao problema em epígrafe. Dessa forma não objetivamos achar uma resposta exata para a presente inquirição, mas sim elencar fatores que propiciem estudos futuros para a solução do caso. O primeiro fator que consideramos em relação ao problema levantado é que o baixo índice de atendimentos às ocorrências de tentativas de suicídio pode estar relacionado à pequena quantidade de efetivo do CBMCE. No ano de 2006, a Corporação dos Bombeiros estava no décimo primeiro ano sem engajar novos soldados em suas fileiras, situação que perdura até este ano de 2008.

O efetivo do CBMCE é atualmente estimado em 1400 (um mil e quatrocentos) homens, quando o quadro de organização do referido órgão público prevê um valor aproximadamente de 3400 (três mil e quatrocentos) profissionais. A referida perda de efetivo está em torno de 2000 (dois mil) bombeiros, ou seja, o CBMCE tem menos de cinquenta por cento do efetivo previsto. Esta ausência de recursos humanos pode ser estudada como sendo uma das explicações para o desequilíbrio entre a necessidade da utilização dos serviços de resgate e as possibilidades de atendimento.

Vale ressaltar, também, que à carência de efetivo está relacionada às dificuldades de manutenção e conserto das viaturas de bombeiro. Nesse contexto, é sabido que o número elevado de operações propicia o desgaste rápido das viaturas, sendo a manutenção destas de difícil realização por demandarem tempo e recursos financeiros da Instituição.

Além disso, levantamos a hipótese que a quantidade de viaturas e equipes que executam operações de resgate em tentativas de suicídio poderia ser elevada, a fim de melhor atender quantitativamente as necessidades em nossa região. O gráfico 5 demonstra o número de chamadas endereçadas, via CIOPS, ao Corpo de Bombeiros e o número de ocorrências realmente atendidas pelo CBMCE entre os anos de 2001 a 2005, expressas mês a mês.

Declaramos, ainda, consoante contato com operadores de telefone e rádio do CIOPS, que todas as chamadas sobre tentativas de suicídio recebidas por aquela Coordenadoria devem ser atendidas pelo Corpo de Bombeiros. Só existe exceção em casos de trote, solução da ocorrência por terceiros, consumação da morte antes da chegada da guarnição ou outras situações equivalentes.

Outro ponto relevante a ser mencionado diz respeito à distribuição desse efetivo. O estado do Ceará possui uma população em torno de 8 milhões de habitantes, sendo a

Capital e RMF detentora de cerca de 3.200.000 (três milhões e duzentas mil) pessoas. Para o atendimento a esse contingente populacional, existem cerca de 800 (oitocentos) bombeiros, atualmente, trabalhando na Capital e cerca de 600 (seiscentos) nos demais municípios do Estado, segundo dados do Núcleo de Gestão e Formação de Pessoas do CBMCE. Informamos, para efeito de conhecimento, que dos 184 (cento e oitenta e quatro) municípios do Estado do Ceará, apenas 13 (treze) possuem quartel de bombeiros.

CONCLUSÃO

Após este exercício de análise sobre tema tão importante para todas as épocas da História humana, em vários tipos de sociedade, não nos parece à toa que a Sociologia teve, em seu alicerce, um trabalho científico cujo tema é o suicídio.

Sabemos que grandes vultos da intelectualidade mundial se debruçaram sobre este polêmico assunto, a fim de alcançarem novas descobertas e compreenderem melhor o fenômeno social da morte voluntária. Entretanto, não podemos considerar como acabadas as discussões a respeito dele. Estudar o suicídio é mergulhar em um campo vasto de características múltiplas que tenta descrever e entender as causas desse ato sob a simbologia social que carrega, embora até hoje não completamente compreendido, nem extirpado do nosso ambiente social.

Na realidade brasileira, bem como na da cidade de Fortaleza e sua Região Metropolitana, os desequilíbrios sociais são constatados. As desigualdades sociais e a pobreza atingem grande parte de nossa população. Sob a temática do suicídio, mencionaríamos Durkheim ao lembrarmos de sua afirmação a despeito de que a pobreza poderia funcionar como um antídoto para o suicídio. No entanto, tendo em vista a relativização de conceitos, o extermínio de si mesmo não cessa, independentemente da classe social, do gênero, da faixa etária, da religião, entre outras características que um indivíduo possa ter. Mesmo entre os miseráveis das favelas da Capital cearense ou nas casas luxuosas dos seus aglomerados nobres, o suicídio não deixa de ser uma maneira constantemente escolhida para deixar a vida.

Aliado a esse tema, estudamos a atuação do Estado representado, por seu órgão público: o Corpo de Bombeiros Militar do Ceará. Aqui, tentamos entender melhor as formas de atuação dos bombeiros e sua formação e preparação específica para lidar com o suicídio. As capacidades unidas da Instituição devem agir em operações nas quais os menores e mais delicados gestos podem significar a perda ou o ganho de uma vida.

No escopo de tornar profícuo nosso estudo, buscamos descobrir as perspectivas de conteúdo adequado à formação dos bombeiros que venham melhor atender a população. Igualmente, analisamos qual a maneira mais adequada, mediante os estudos da Psicologia aplicados à prática cotidiana, de condução de um diálogo com uma vítima potencialmente suicida, tendo sido expressas neste trabalho algumas diretrizes que, apesar de não serem um padrão de atendimento, muito menos verdade absoluta,

podem servir de pontos norteadores para um diálogo que possibilite um atendimento de maior qualidade àqueles que se encontram no desespero extremo de cometer o suicídio.

Vale ressaltar uma vez mais que, apesar das dificuldades de recursos humanos, entre outras, o Corpo de Bombeiros continua solidário à sociedade e com força significativa em prol do bem. Como foi demonstrado mediante uso de fontes empíricas, são notórios a qualidade e o sucesso de atendimentos em operações suicidas que são efetivamente realizadas pelo CBMCE.

Lembramos também que, não menos importantes na redução das taxas de suicídio, as instituições não governamentais que auxiliam o Estado na manutenção do bem-estar e da ordem social devem ser difundidas, bem como incentivadas a ampliarem os seus trabalhos. Nesta perspectiva, tomamos o CVV – Centro de Valorização da Vida como nosso objeto de análise através de que constatamos a seriedade das atividades da Instituição que, apesar dos óbices dos mais variados matizes, contribui de forma expressiva no apoio preventivo às tentativas de suicídio. Tal procedimento corrobora o pensamento filosófico de que é mais coerente impedir que as tragédias aconteçam, em vez de esperar atuar, decorrendo dessa espera, mais esforços para reverterem sinistros que poderiam ter sido evitados com menos recursos.

No último capítulo, analisamos, comparativamente, as estatísticas de tentativas de suicídio do CIOPS e as ocorrências efetivamente atendidas pelo CBMCE, no espaço temporal estabelecido para o presente trabalho. Os resultados interpretados sugerem maiores estudos a respeito da ampliação da capacidade de atendimento do Corpo de Bombeiros.

Reconhecemos a singeleza de nosso trabalho diante de tão vasta produção literária já existente, porém não poderíamos permanecer na estática improfícua. Desta forma, com este estudo, tivemos a pretensão de contribuir, de forma reflexiva, unindo teoria e empiria, sobre nossa trajetória de experiências, observações, questionamentos e inquietações da prática como bombeiro no Ceará.

Pretendemos, desta maneira, que o nosso esforço intelectual venha a se constituir uma contribuição à sociedade, à corporação militar da qual fazemos parte e, também, ao alargamento da nossa própria consciência sobre o tema e sobre o modo de agir como agentes da segurança pública na proteção e manutenção da vida humana.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ALVES, Magda. *Como escrever teses e monografias: um roteiro passo a passo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- ARENDDT, Hanna. *Sobre a Violência*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- BRASIL. *Código Penal*. Decreto-Lei número 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Vade Mecum Saraiva, São Paulo: Editora Saraiva, 2008.
- BUENO, Silveira. *Minidicionário Inglês-português Português-Inglês*. São Paulo: FTD, 2000.
- CASTRO, A. M. de. *S O Martírio dos suicidas, seus sofrimentos inenarráveis*. FEB, 1983.
- COSTA, Maria Cristina Castillho. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. São Paulo: Moderna, 2005.
- DURKHEIM, E. *O Suicídio: um estudo Sociológico*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- GIFONI, Jose Mauro Mendes. O paciente Terminal e a Ortotanásia. *Revista Fato Médico*, Fortaleza: Ano 2, n. 6, p. 6-8, 2007.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. *Mini Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.
- MARION, José Carlos; DIAS, Reinaldo; TRALDI, Maria Cristina. *Monografia para os cursos de administração, contabilidade e economia*. São Paulo: Atlas, 2002.
- MARX, Karl. *Sobre o suicídio*. São Paulo: Editora Boitempo, 2006.
- MICHAUD, Yves. *A Violência*. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- PEREIRA, Yvone A. *Memórias de um Suicida*. Rio de Janeiro: FEB, 2003.
- PRAGER, Simon Judith, ACOSTA, Judith, *The Worst is Over*. San Diego: Jodere Group, 2002.
- PONTES, Cleto Brasileiro, *Suicídio em Fortaleza: Estudo de 50 anos*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.
- ROGERS, CARL R. *Psicoterapia e consulta psicológica*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques, *Do contrato Social*. São Paulo: Editora Martim Claret Ltda., 2006.

SÁ, Leonardo Damasceno de. *Os Filhos do Estado: auto-imagem e disciplina na formação dos oficiais da Polícia Militar do Ceará.*, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

TZU, Sun. *A Arte da Guerra*. Porto Alegre: Editora L e PM Pocket, 2000.

XIMENES, Sergio, *Mini Dicionário de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

<http://www.cb.ce.gov.br/>

<http://www.cvv.org.br/>

<http://www.google.com.br/>

<http://www.ipece.ce.gov.br/>

<http://www.jus.uol.com.br/>

<http://www.planejamentotributario.ufc.br/>

<http://www.ufrgs.br/bioetica/distanas.htm>

Apêndice A – Perguntas norteadoras das entrevistas com os bombeiros.

1. Quanto tempo de Corporação você tem?
2. Quanto tempo você tem de serviço na área de salvamento?
3. Em sua formação de bombeiro houve preparação para atuar em ocorrências envolvendo tentativas de suicídio? Em caso afirmativo, quais?
4. Quantas ocorrências, aproximadamente, envolvendo tentativas de suicídio você já participou?
5. Quais ocorrências mais chamaram a sua atenção? Por quê?
6. O que é mais importante no momento da situação-limite de socorrer uma pessoa que tenta se matar? Por quê?
7. Para você, o que é honra?
8. Em sua opinião, o serviço do Corpo de Bombeiros é satisfatório em relação às ocorrências de resgate de portadores de tendência suicida? Em caso negativo, o que deveria melhorar?
9. Em sua opinião, a violência vivenciada no País tem algum reflexo no número de tentativas de suicídios?
10. Você já se sentiu afetado de alguma forma, em virtude de atender pessoas que queriam se matar ou mesmo por ter presenciado vítimas já mortas no momento que o Corpo de Bombeiros chegou a uma ocorrência de tentativa de suicídio?

Apêndice C – Perguntas norteadoras da entrevista com voluntário do CVV.

1. Como surgiu o CVV?
2. Quais são os principais problemas apresentados por pessoas que procuram o serviço do CVV?
3. Como se seleciona o voluntariado do CVV?
4. Qual a formação necessária para ser trabalhador voluntário no CVV?
5. Como é feito o trabalho de estatísticas do CVV?
6. O método não diretivo é o escolhido pelo CVV, segundo o *site* oficial da instituição, por quê?
7. Como o CVV se mantém financeiramente?
8. Para você, qual seria a motivação ou satisfação pessoal de participar do programa de voluntários do CVV?
9. O atendimento do CVV é secreto ou é possível a obtenção de peculiaridades das entrevistas realizadas?
10. Como foi o processo de instalação do Centro de Valorização da Vida dentro do quartel do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará?
11. Como é a relação entre os voluntários do CVV e os bombeiros?
12. Como os voluntários lidam com a rotina e as regras existentes dentro de um quartel militar?

Anexo A – Curso de Formação de Soldados de Fileiras – CFSdF/BM.

Tabela 01 - Programa do Curso de Formação de Soldados de Fileiras – CFSdF/BM.

Disciplina	Carga Horária (h)
Comunicação e Expressão	60
Ética e Cidadania	25
Informática Básica	30
Inglês Instrumental	50
Relações Humanas	25
Direção Defensiva	60
Armamento e Tiro	20
Educação Física Militar	110
Instrução Geral	60
Ordem Unida	50
Comunicação em Emergência	20
Manutenção de Material Operacional	105
Origem e Evolução dos Corpos de Bombeiros	20
Atendimento Pré-hospitalar	50
Defesa Civil	30
Natação Utilitária	50
Prevenção e Combate a Incêndios	50
Tecnologia e Maneabilidade em Incêndios	120
Tecnologia e Maneabilidade em Salvamentos	120
Estágio Supervisionado	110
Total	1.165

Fonte: Núcleo de Gestão e Formação de Pessoas do Corpo de Bombeiros Militar do Ceará.